UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

ELIANE SILVA BICOCCHI CANOVA

**A experiência de familiares de idosos em Centro Dia para Idosos: uma abordagem
compreensiva**

São Paulo
2019

ELIANE SILVA BICOCCHI CANOVA

**A experiência de familiares de idosos em Centro Dia para Idosos: uma abordagem
compreensiva**

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação
em Gerontologia.

Área de Concentração:
Gerontologia

Orientadora:

Prof^{ta}. Dr^a. Rosa Yuka Sato Chubaci

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8-4936

Canova, Eliane Silva Bicocchi

A experiência de familiares de idosos em Centro Dia para idosos:
uma abordagem compreensiva / Eliane Silva Bicocchi Canova ;
orientadora, Rosa Yuka Sato Chubaci. – 2019
97 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-
Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo
Versão original

1. Assistência a idosos. 2. Idosos. 3. Família. 4.
Cuidadores de idosos. I. Chubaci, Rosa Yuka Sato, orient. II.
Título

CDD 22.ed. – 362.6

Nome: CANOVA, Eliane Silva Bicocchi

Título: A experiência de familiares de idosos em Centro Dia para Idosos: uma abordagem compreensiva

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.

Área de Concentração:

Gerontologia

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Ao meu marido Fernando, pelo amor, carinho, compreensão e por estar ao meu lado sempre me incentivando e contribuindo para o meu crescimento.

Agradecimentos

A minha orientadora, Prof^ª. Dra. Rosa Yuka Sato Chubaci, uma luz que Deus colocou na minha vida. Uma pessoa amorosa, sensível, segura em suas orientações e sempre me respeitou e acreditou em mim. A ela todo meu carinho, gratidão e admiração.

Aos meus pais Terezinha, Edgard e minha irmã Juliana por todo amor, cuidado, dedicação e incentivo nas minhas escolhas de vida.

À Prof^ª. Dra. Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez como minha professora desde a graduação apoiou-me durante o início deste trabalho com sua forma crítica questionou o percurso deste, contribuindo para os avanços obtidos.

À Vanessa Idargo Mutchnik e Alessandro Pedrazolli de Moraes por acreditar nesta pesquisa. Obrigada pelo apoio, especialmente durante a coleta de dados realizada no Centro Dia para Idosos Pasárgada.

À Milena Yuri Suzuki com suas contribuições e a por acreditar nesta pesquisa. Obrigada pelo apoio, especialmente durante a coleta de dados realizada no Bem Me Care Centro Dia para Idosos.

A todos os cuidadores familiares que abriram os seus corações nos depoimentos para esta pesquisa.

Aos profissionais que atuam com profissionalismo, dedicação e carinho dos dois Centros Dia para Idosos.

À minha amiga Malu pelos momentos de apoio e amizade que compartilhamos ao longo do mestrado.

Obrigada!

*“O mundo do sonho é silencioso como o mundo submarino. Por isso é que faz bem
sonhar.”*

(QUINTANA, Mario, 2006, p. 235)

RESUMO

CANOVA, Eliane Silva Bicocchi. **A experiência de familiares de idosos em Centro Dia:** uma abordagem compreensiva. 2019. 97p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão original.

Objetivo: Compreender a inserção dos idosos no Centro Dia para Idosos (CDI) sob a óptica de seus familiares. **Método:** Pesquisa qualitativa realizada em dois Centros Dia para Idosos particulares, um localizado na cidade de São Paulo e o outro no município de Suzano, e ambos possuem idosos com o perfil independentes até semidependentes. A coleta de dados foi realizada entre setembro e novembro de 2018, por meio de entrevistas com onze participantes, todas mulheres e cuidadoras familiares. A análise dos significados foi norteadada pelo referencial teórico filosófico de Alfred Schütz. **Resultados:** A análise dos dados possibilitou-nos desvelar doze categorias motivacionais que traduzem a percepção do familiar sobre a inserção do idoso no CDI. As categorias concretas do vivido das motivações foram: a promoção de atividades que preservam a cognição e memória; a promoção do alívio da sobrecarga do cuidador e ao mesmo tempo o estímulo da socialização e a melhora na saúde; o sentimento de acolhimento do familiar e do idoso; a percepção da melhora no comportamento do idoso. **Considerações finais:** Os resultados deste estudo permitem ajudar outros cuidadores familiares que estão vivenciando a mesma situação com o seu idoso. O CDI auxilia no compartilhamento dos cuidados do idoso e conseqüentemente alivia os conflitos e a sobrecarga do cuidador familiar, além de melhorar as relações intra-familiares. É importante a atuação de profissionais preparados, como o Gerontólogo, com uma visão humanizada nos atendimentos e acompanhamentos aos cuidadores familiares no CDI. Ao longo da realização da pesquisa ficou evidente importância do CDI como um serviço de acolhimento ao idoso e a família, evitando a institucionalização.

Palavras-chave: Cuidadores. Idoso. Pesquisa qualitativa. Serviços de saúde para Idosos.

ABSTRACT

CANOVA, Eliane Silva Bicocchi. **The experience of family members of elderly people in Senior Day Care Center:** a comprehensive approach. 2019. 97p. Dissertation (Master of Sciences) –School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Original version.

Objective: To understand the insertion of the elderly in the Senior Day Care Center (SDCC) from the perspective of their relatives. **Method:** Qualitative research carried out in two particular Senior Day Care Centers, one located in São Paulo and the other in Suzano, and both have elders with profiles from independent to semi-dependent. Data collection was performed between September and November of 2018, through interviews with eleven participants, all women and family caregivers. The analysis of the results was guided by Alfred Schütz philosophical theoretical framework. **Results:** Data analysis allowed us to unveil twelve motivational categories that reflect the perception of the relatives about the insertion of the elderly in the SDCC. The motivations' concrete categories of what was experienced were: the promotion of activities that preserve cognition and memory; the reduction of the caregiver's amount of work and at the same time the stimulation of socialization and improvement in health; the family and the elders' feeling of welcome; the perception of the improvement in the behavior of the elders. **Final considerations:** The results of this study may support other family caregivers who are experiencing the same situation. The SDCC helps to share the care of the elderly and consequently relieves the conflicts and the workload of family caregiving and also improves inner family relations. The performance of prepared professionals, such as the Gerontologist, is important, with a humanized view of care and follow-ups to the family caregivers in the SDCC. Throughout the research, the importance of SDCC as a welcoming service for the elderly was evident, avoiding institutionalization.

Keywords: Caregivers. Elderly. Qualitative research. Health Services for the Elderly.

LISTA DE FIGURAS

Figura1 – Caminho metodológico	22
Figura 2 – Categorias motivos porque e motivos para	Erro! Indicador não definido. 27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVDs	Atividades de Vida Diária
AAVDs	Atividades Avançadas da Vida Diária
ABVDs	Atividades Básicas de Vida Diária
AIVD	Atividades Instrumentais de Vida Diária
CDIs	Centros Dia para Idosos
DCNTs	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
ILPIs	Instituições de Longa Permanência para Idosos
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organizações das Nações Unidas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 TRAJETÓRIA PERCORRIDA EM DIREÇÃO AO TEMA	10
1.2 SITUANDO A TEMÁTICA DO ESTUDO.....	10
2 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA DA INVESTIGAÇÃO	15
3 MÉTODO.....	16
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	16
3.2 LOCAL DA PESQUISA	16
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	17
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	18
3.4.1 Questões norteadoras para os familiares.....	18
3.5 PASSOS PARA A COLETA DE DADOS	18
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	19
3.7 ASPECTOS ÉTICOS	20
4 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
5.1 Ter conflitos familiares.....	27
5.2 Sobrecarga do cuidador	28
5.3 Ser arrimo familiar	29
5.4 Estar dependente.....	29
5.5 Apresentar depressão.....	30
5.6 O cuidado em não deixar o idoso sozinho	31
5.7 Realizar diversas atividades.....	32
5.8 Promove alívio da sobrecarga do cuidador.....	33
5.9 Promove a socialização	34
5.10 Promove melhora na saúde.....	36
5.11 Ter alegria estampada no rosto.....	37
5.12 Ter acolhida.....	38
6 O TIPO VIVIDO	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO CENTRO DIA PARA IDOSOS PASÁRGADA	46
APÊNDICE B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO CENTRO BEM ME CARE CENTRO DIA DO IDOSO	47
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	48
APÊNDICE D – ENTREVISTAS DOS CUIDADORES FAMILIARES TRANSCRITAS NA ÍNTEGRA ...	49
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – EACH -USP	89
ANEXO B – ARTIGO SUBMETIDO	92

1 INTRODUÇÃO

1.1 TRAJETÓRIA PERCORRIDA EM DIREÇÃO AO TEMA

O interesse de estudar idosos começou logo após o término da minha formação no Bacharelado em Enfermagem, quando fui trabalhar em uma empresa de *homecare*, onde o número de atendimentos aos idosos era bastante significativo e percebi que precisava adquirir mais conhecimento sobre essa população.

Quando fui à busca do Curso de Bacharelado em Gerontologia, além de ter a experiência de atender famílias com idosos, já me interessava pela área, pois parte da minha família paterna é de longevos.

O interesse por estes serviços foi construído ao longo da graduação em Gerontologia, resultando no Trabalho de Conclusão de Curso com alguns serviços do programa São Paulo Cidade Amiga do Idoso, em Caraguatatuba. O objetivo do estudo foi compreender e analisar as motivações dos idosos ao usufruir destes serviços. Logo depois de formada, fui trabalhar em Caraguatatuba em um dos centros de serviços, dedicado a manter a qualidade de vida desta população.

Acredito que os familiares não estão preparados para lidar com os seus idosos por não construírem o conhecimento em cuidar ou não ter vivenciado anteriormente esta situação. Agora, neste projeto, busco compreender a inserção dos idosos em um Centro Dia, mas pelo olhar dos familiares.

1.2 SITUANDO A TEMÁTICA DO ESTUDO

O envelhecimento é um processo natural, universal, progressivo, com declínio fisiológico do desenvolvimento e iniciado na maturação sexual do indivíduo. Cada organismo possui o ritmo de envelhecimento, sendo que a saúde física e mental são estabelecidas por determinantes ambientais e biológicas ao longo da vida (NERI, 2014).

Cada sociedade estabelece a idade para início da velhice, então o processo sociológico também caracteriza o envelhecimento, influenciando nos papéis sociais e na percepção da idade pelas pessoas (NERI, 2014).

Segundo Torres et al. (2015), a velhice apresenta aspectos positivos e negativos, sendo que os elementos positivos definem como experiência e sabedoria, enquanto os

negativos são mais heterogêneos e se relacionam geralmente com: inatividade, desânimo, degradação física e doenças, tristeza, solidão e morte. Estes aspectos, porém, são influenciados conforme os grupos sociais e a representação social do próprio idoso que não se reconhece viver esta fase.

No Brasil, de acordo com a lei nº 10.741 de 2003 do Estatuto do idoso (2003), a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos é considerada um idoso.

Este grupo populacional com 60 anos ou mais, no Brasil, contabilizava 29,6 milhões de idosos em 2016, ou seja, 14,4% da população total, sendo que em 2016, a população residente no Brasil correspondia a 205,5 milhões de pessoas (IBGE, 2017).

Esse crescimento de idosos no Brasil produz modificações na sociedade, relacionadas à economia, ao mercado de trabalho, aos sistemas de saúde, as políticas públicas e às relações familiares (MIRANDA et al., 2016).

Conforme a população envelhece e torna-se mais longeva, há a redução das taxas de mortalidade e natalidade, o que provoca desafios na sociedade, devido à mudança na estrutura etária da população, sendo essencial a intervenção do Estado em investimentos, ações e serviços de saúde que promovam o bem-estar e a implementação de políticas públicas, procurando alternativas para que os idosos se mantenham socialmente integrados à sociedade, por meio da oferta de serviços específicos na área social que estimulem atividades, promoção da autonomia e independência (MIRANDA et al., 2016).

A Constituição determina a responsabilidade compartilhada do bem estar dos idosos entre as famílias, sociedade e o Estado, porém as famílias tem assumido a maior parte dos cuidados, pela falta de apoio nas políticas de cuidados a longo prazo (NEUMANN e ALBERT, 2018).

A fragilidade nos idosos pode gerar consequências adversas para a saúde como quedas, fraturas, hospitalização, institucionalização, demência e mortalidade (KOJIMA, 2017).

O conceito de fragilidade é bastante usado na Gerontologia, principalmente, quando queremos falar sobre declínio físico, porém, entre os estudiosos da área, não há uma definição padrão sobre o termo. Para compreender melhor a fragilidade no processo do envelhecimento, consideramos fundamental explicitar as definições para elucidar fragilidade e envelhecimento.

FRIED et al. (2004) definiram que há diminuição da reserva energética e da resistência aos estressores, sendo a fragilidade considerada síndrome, consequência de

um declínio dos sistemas fisiológicos e da diminuição da eficiência da homeostase em situações estressantes, baseada em três alterações, relacionadas ao envelhecimento: sarcopenia, desregulação neuroendócrina e disfunção imunológica, as quais irão compor o fenótipo da fragilidade.

Segundo Neri (2014), sofremos agravos ao longo da vida que podem piorar com a fragilidade, síndrome clínica relacionada ao envelhecimento fisiológico normal do ser humano e ligada às oportunidades sociais, ao estilo de vida, aos valores, às atitudes, aos hábitos culturais, à personalidade e à inteligência.

Para Neri (2014), a maioria das pessoas idosas com sinais de fragilidade continua ativa e interativa em suas comunidades e está satisfeita com sua vida. Em instituições com cuidados intensivos, representa uma minoria da população idosa.

Kojima (2017), em seu estudo, concluiu que a fragilidade nos idosos é significativa nos riscos futuros, influenciando na capacidade da realização das AVD e AIVD. Esta pesquisa mostrou a relevância de formular políticas públicas com prioridade para promover serviços com intervenções na prevenção da incapacidade. Assim, preservar as funções físicas dos idosos, bem como a sua autonomia, é essencial, já que haverá uma população maior de idosos no Brasil.

As Atividades de Vida Diária (AVD), ao serem realizadas pelos idosos, são caracterizadas pela quantidade de ajuda instrumental que ele necessitar, hierarquizadas em três níveis - básicas, instrumentais e avançadas. As básicas (ABVDs) são determinadas nas tarefas de autocuidado, como tomar banho, vestir-se, usar o banheiro, transferir-se da cama para a cadeira e se alimentar; as instrumentais (AIVDs) indicam a possibilidade de manter uma vida ativa e independente na comunidade; e as avançadas (AAVDs) significam o desempenho de papéis e atividades sociais, como elucidadas abaixo (NERI, 2014).

Neri e Vieira (2013) dizem que as atividades avançadas da vida diária (AAVD) predispõem os idosos a conviverem com ações e papéis sociais, o que lhes permitem uma exposição na sociedade, ou seja, eles tornam-se ativos e produtivos. Neste caso, preserva-se a autonomia e independência por meio das posições sociais, das atividades físicas, de lazer, intelectuais, organizacionais e políticas.

As Atividades Avançadas da Vida Diária (AAVD) ajudam nas relações sociais, fazendo com que as pessoas criem laços afetivos, sociais e de convivência no momento da realização dessas atividades. As relações sociais podem ser caracterizadas quanto à

natureza de formais e informais: a primeira se caracteriza como uma relação profissional ou institucional, não considerando uma relação de intimidade; e a segunda envolve um convívio de intimidade, de afeto e de ajuda dos familiares, amigos e vizinhos (NERI e VIEIRA, 2013).

Percebemos que a fragilidade nos idosos acaba impactando não somente em suas vidas, mas na vida familiar, na sua rede de suporte social e nos serviços da assistencial social e de saúde.

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) estão muitas vezes associadas a fragilidade normal do idoso agravada pelos danos acumulados ao longo da vida, definidas como morbidades de longo curso clínico e irreversíveis, incluindo o câncer, diabetes *mellitus* II, osteoporose, dentre outras. Segundo Jin et al. (2015) as DCNTs representa cerca de 20% dos anos vividos de um idoso com incapacidade, sendo a maior causa no mundo.

No entanto, tem sido desafiador desenvolver programas sociais, pesquisas e estímulos socioeconômicos para prevenir e atenuar as doenças relacionadas à idade para governos nacionais, organizações internacionais como as Organizações das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), bem como as companhias de seguros, organizações de assistência social e Organizações Não Governamentais (ONGs) (JIN et al., 2015).

Neste contexto, surge o Centro Dia para Idosos (CDI), um serviço da assistência social que pode ajudar a minimizar a fragilidade dos idosos, como um equipamento que o estimula, por meio de várias atividades durante o dia e o mantém em sua casa com os familiares.

Laços afetivos são criados nas relações sociais ao longo da vida e na velhice, pois o que nos traz suporte são as relações na rede social criadas neste período, assim como os familiares, amigos, vizinhos e conhecidos são importantes no processo, além de apoios informais (NERI, 2014).

De acordo com Falcão (2006), família abrange afeto, liberdade, reciprocidade, histórias compartilhadas e questões conscientes e inconscientes.

Cada família tem a sua própria maneira de viver, embora cada uma seja única, com sua estrutura dinâmica e contínua de interação com o meio em que vive, o que constrói o ambiente familiar (ALTHOFF, 2004).

A convivência familiar envolve muitos sentimentos, afeto, ajuda e compreensão são essenciais para um convívio agradável e harmonioso entre o idoso e a família, porém sabemos que, em muitos casos, a convivência apresenta-se de maneira tumultuada, levando a desgastes e desentendimentos relacionais (LEITE et al., 2008).

A família vem sofrendo mudanças e transformações culturais nas últimas décadas e as modificações mais aparentes nas famílias modernas foram: a saída da mulher em busca de um trabalho fora de casa e sua conquista financeira, a diminuição no número de filhos, a possibilidade de uniões homossexuais, maior transparência nas relações, a figura do homem em estar mais presente afetivamente na família e nos afazeres domésticos, menos hierarquia, e distância na relação entre filhos e pais (FALCÃO e BAPTISTA, 2010).

Com a mudança no contexto familiar, ocorre a alteração de quem assume o papel de cuidador familiar, o qual realiza uma obrigação no novo arranjo familiar e, conseqüentemente, gera conflitos nas relações familiares por estabelecer uma sobrecarga para este indivíduo na nova função de cuidador.

Segundo Leite et al. (2008), os motivos que causam divergências entre o idoso e a família são diversos, pois as ideias se diferem e a dependência do idoso pode interferir nessa relação. As diferenças entre as gerações convivendo em mesmo ambiente também podem influenciar nesta problemática, devido às experiências vividas e seus valores e as pessoas idosas, muitas vezes, podem apresentar menos flexibilidade e resiliência diante das novas situações do cotidiano.

Desta forma, o Centro Dia para Idosos (CDI) torna-se uma alternativa de serviço que a família pode utilizar para auxiliá-la no cuidado ao idoso.

O CDI é um serviço da área social, segundo a Resolução 109 do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009). Esse tipo de serviço deve contribuir para os acessos aos direitos socioassistenciais, como: reduzir e realizar a prevenção de situações de isolamento social e de abrigo institucional; diminuição da sobrecarga dos cuidadores das pessoas com dependência; fortalecimento da convivência familiar e comunitária; melhoria da qualidade de vida familiar; redução dos agravos de situações violadoras de direitos; proteção social e cuidados individuais e familiares para o desenvolvimento de autonomia.

O equipamento CDI situa-se numa posição intermediária de atendimento aos idosos: a primeira é o Centro de Convivência, em seguida, o Centro Dia; e depois as Instituições de Longa Permanência para Idosos, denominadas ILPIs (DIOGO, 2006).

Os Centros Dia surgiram para melhorar a qualidade de vida e a capacidade funcional dos idosos. Em vez de morar em uma Instituição de Longa Permanência, eles passam o dia em um CDI convivendo com outros idosos e realizando atividades e, ao final do dia, retorna para sua residência. A alternativa do Centro Dia tornou-se viável para muitos cuidadores e familiares que trabalham e não podem pagar um profissional para ficar com o idoso ao longo do dia (NAVARRO e MARCON, 2006).

Os CDIs são recomendados para pessoas diagnosticadas com doença de Alzheimer e outras demências, como solução para promover a independência, socialização, estimulação e descanso para os cuidadores. Um ambiente estruturado que promove assistência com atividades de memória combinadas às habilidades do indivíduo, onde é esperado o alívio do estresse do cuidador (WILLIAMS et. al., 2016).

Segundo a literatura pesquisada, o CDI é um recurso importante de apoio e compartilhamento na assistência ao cuidado do idoso, nas atividades direcionadas a esta população, nas intervenções para diminuir a sobrecarga do cuidador e no incentivo à socialização (CZEKANSKI, 2017; GISHITOMI et al., 2017; MARCUM et al., 2018).

Hoje, não possuímos uma avaliação de motivações dos familiares que buscam a inserção do idoso no CDI na gestão particular. Desta forma, torna-se essencial investigar a relação do familiar com o CDI, para a melhoria contínua do serviço, pois essas motivações poderão ter um impacto significativo nas intenções de continuar utilizando o serviço.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a inserção dos idosos no CDI sob o olhar dos familiares.

2 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA DA INVESTIGAÇÃO

A presente pesquisa desvelou o fenômeno da inserção de idosos no CDI no olhar dos familiares. Desta forma, o objetivo foi:

- compreender a inserção dos idosos no Centro Dia para Idosos sob a óptica de seus familiares.

No Brasil, existe escassez de estudos de abordagem compreensiva que envolva a questão das motivações de familiares e a inserção de idosos em CDI.

Conforme a lei 15.809 Municipal de São Paulo (2013), o Centro Dia tem por objetivo oferecer assistência à família e proporcionar atenção ao idoso fragilizado como forma alternativa ao asilamento, por meio de assistência multidisciplinar e multiprofissional e pesquisado como uma oportunidade bem-sucedida na promoção da saúde, evitando a exposição do indivíduo a situações de risco, além de proporcionar uma possível recuperação e reabilitação.

De acordo com Fratezi e Tronchin (2018), o CDI favorece aspectos na vida do idoso, impedindo a desintegração familiar, promove a autonomia e a interação social, bem como a promoção e prevenção de agravos na saúde do idoso por meio de atividades.

O CDI pode proporcionar ao idoso manter seus vínculos familiares e, assim, o conhecimento produzido por esta pesquisa poderá contribuir para a qualidade da assistência, além de subsidiar ações de acordo com as necessidades dos idosos, incluindo a perspectiva dos familiares e possibilitar, também, reflexões no ensino, na pesquisa e na assistência, considerando a dinâmica familiar em um Centro Dia para Idosos.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa com enfoque na Fenomenologia Social de Alfred Schütz.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em dois Centros Dia para Idosos privados, um localizado na cidade de São Paulo e o outro no município de Suzano, e ambos possuem idosos com o perfil independentes até semidependentes.

A escolha do local para a realização da entrevista com o familiar participante deve estar ligada ao objetivo do estudo, sendo um ambiente com privacidade onde aconteceu a aproximação e ambientação, sendo estas realizadas como etapas para conhecer e

ser conhecido, estabelecer e manter compromissos, como facilitadora ao encontro com a singularidade do participante, com silêncio no momento do depoimento, no entanto, com o exercício da escuta (PAULA et al., 2014).

Os encontros foram realizados em uma sala privada nos Centros Dia ou na residência do familiar em um cômodo da casa, onde não houvesse interferências externas. O participante da pesquisa poderia escolher realizar a entrevista no Centro Dia ou a pesquisadora deslocava-se até a residência do entrevistado.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

O estudo foi realizado com familiares de idosos que utilizam o serviço do Centro Dia para Idosos. Após o consentimento em participar, eles foram esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, formalizado com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O ponto de partida para a seleção dos familiares foram os gestores dos serviços.

Foram estabelecidos, como critérios de inclusão: o familiar que era o cuidador principal do idoso que frequentava o serviço oferecido do Centro Dia, no mínimo, um período de três meses, porque os idosos inscritos no serviço precisam de um período para experimentar as ações oferecidas pelo CDI, corroborando com as indicações de Williams et al. (2016).

Os participantes do estudo foram identificados pela letra “P” de participante e, em seguida, pelo número correspondente da entrevista (exemplo: P1).

Quanto ao número de participantes, não houve um número determinado, visto que a coleta de dados foi encerrada quando houve a repetição do conteúdo significativo nos depoimentos obtidos, ou seja, quando as inquietações foram sendo esclarecidas para a compreensão do fenômeno investigado e o objetivo alcançado.

Foram realizadas onze entrevistas e todas foram utilizadas. A seguir, encontram-se os passos para a coleta de dados, desde a identificação dos familiares dos idosos no enquadramento dos critérios de inclusão, a aproximação do pesquisador e a gravação dos depoimentos.

A pesquisa possuiu risco mínimo de ordem psicológica e foi informado ao participante que ele poderia se retirar a qualquer momento, sem prejuízo e sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

No início da entrevista para a coleta de dados da pesquisa foi perguntado alguns dados pessoais dos entrevistados (nome, sexo, idade, escolaridade, religião, estado civil e há quanto tempo o idoso frequenta o Centro Dia para Idosos) e após o instrumento contendo questões abertas e semiestruturadas, orientado pelo instrumento apresentado abaixo. As entrevistas foram gravadas, transcritas, analisadas e discutidas sob o olhar do Referencial Fenomenológico Social de Alfred Schütz (SCHÜTZ, 1974b).

3.4.1 Questões norteadoras para os familiares

1. Conte-me sobre a sua vivência com o seu familiar.
2. Como foi para você a inserção do seu familiar no Centro Dia?
3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?
4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

3.5 PASSOS PARA A COLETA DE DADOS

Primeiramente, o trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Após a aprovação, foram liberadas as autorizações para a realização da pesquisa a cada Centro Dia para Idosos.

Posteriormente, foi iniciada a participação das pesquisadoras nas atividades dos CDIs para aproximação e criação de vínculo com os idosos e seus familiares.

Em seguida, o gestor de cada serviço entrou em contato com os familiares pessoalmente ou através do celular, convidando-os para a pesquisa. O familiar que aceitou compartilhar na pesquisa foi contatado através do telefone com as pesquisadoras, para marcação do dia, horário e local a ser realizada a entrevista. Sendo os dados coletados entre setembro a novembro de 2018.

Para um estudo preliminar foram realizadas três entrevistas para pré-testar as perguntas formuladas para os familiares. As questões norteadoras pré-testadas foram modificadas e sugeridas a mudanças na banca qualificadora, por não responderem as inquietações da pesquisa.

Para uma aproximação dos pesquisadores foi realizada a apresentação necessária, e também para a abordagem em relação ao estudo. Cada participante da pesquisa recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), que des-

crevia o objetivo, os riscos e benefícios para a concretização da investigação, explicados após concordância e assinatura do mencionado documento.

Os depoimentos foram coletados por meio da entrevista gravada individualmente, sendo orientados pelas questões norteadoras. Foi realizado em um local privativo dentro de cada CDI ou na residência do familiar, sendo respeitada a garantia da privacidade.

No momento da entrevista, procurou-se o melhor posicionamento, sempre à frente da pessoa. Ocorreu a orientação de que seriam feitas as quatro questões norteadoras individualmente, e que poderia ser utilizado o tempo que precisasse para sua exposição, da forma como entendesse melhor.

Os encontros individuais foram conduzidos total e integralmente pelas pesquisadoras. Foi realizado um encontro com cada familiar, os discursos somente não seriam considerados caso houvesse necessidade de alteração da questão norteadora previamente formulada. Como não foram necessárias quaisquer alterações, os depoimentos foram considerados, portanto, iniciou a fase de coleta de dados.

Através dos depoimentos das entrevistas, a significação das experiências vividas, pode ser possível conhecer a história de vida de cada pessoa. Não houve a interferência dos pesquisadores, que apenas direcionavam para o foco inicial, quando necessário, e as respostas foram gravadas e transcritas.

O tempo de duração dos encontros respeitou o desejo de expressão em relação ao tema e o indivíduo também pôde encerrá-lo quando assim o desejou, na maioria das vezes com visível emoção. Em média, duraram de 23 minutos, exceto um deles, que ultrapassou 60 minutos. Os relatos foram fielmente transcritos pelos pesquisadores, logo após a gravação eletrônica, a fim de permitir a captação com riqueza de detalhes, da experiência, do sentimento e da percepção sobre compreender a inserção do idoso no Centro Dia para Idosos sob a sua óptica.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Para compreender o significado da ação vivenciada pelo familiar que utiliza o Centro Dia para o seu idoso, seguimos as indicações dos pesquisadores da Fenomenologia Social (JESUS, et al., 2013), quanto à organização e à categorização dos depoimentos obtidos. Foram realizadas:

- ✓ Inicialmente foram realizadas criteriosas leituras de cada depoimento na íntegra, no sentido de possibilitar a apreensão do sentido global da experiência vivida por familiares que inseriram seus idosos no CDI.
- ✓ Em seguida, foram selecionados e sublinhados trechos de cada depoimento que emergiram com maior destaque os aspectos significativos que se relacionavam com o fenômeno investigado.
- ✓ Os trechos sublinhados foram reescritos e agrupados segundo os mesmos sentidos, possibilitando a composição das categorias identificadas. Essas categorias revelaram os “motivos porque” e “motivos para” da ação social do fenômeno.
- ✓ Com base nas categorias identificadas, construiu-se o tipo vivido deste grupo social como condução a fenomenologia social e a literatura sobre a temática.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

Os participantes da pesquisa foram esclarecidos logo no início do encontro com as pesquisadoras sobre o objetivo do estudo, a importância da participação, a manutenção do sigilo das informações em relação à gravação, a utilização dos depoimentos somente para fins científicos, a normas de divulgação e os riscos da pesquisa.

Informou-se ainda sobre a garantia de anonimato, caráter voluntário da pesquisa e o direito de participarem ou desistirem da mesma a qualquer momento, conforme previsto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013).

Anteriormente à realização da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) foi apresentado e lido com o participante, que assinou as duas vias, ficando uma de posse do participante e uma com as pesquisadoras.

As entrevistas foram iniciadas somente após aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (CAAE: 81913517.5.0000.5390) (Anexo A), e autorização para a realização da pesquisa em cada CDI.

A figura 1 apresenta-se a síntese do caminho metodológico da pesquisa.

Caminho metodológico

Figura 1 Caminho metodológico do estudo. São Paulo, 2019. Fonte: a autora.

4 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO

A fenomenologia Social de Alfred Schütz procura compreender o mundo no seu significado intersubjetivo, analisando desta forma as relações mútuas que envolvem pessoas. Tem tratado de estrutura de significados na vivência intersubjetiva da relação social, procurando entender as ações sociais e não puramente o individual (SCHÜTZ, 1972).

Assim, do ponto de vista de Alfred Schütz, o homem é o sujeito que age e interage dentro do mundo social envolvendo-se nas relações estabelecidas por ele no mundo e com o mundo, com o princípio em uma determinada experiência (MERIGUI et al., 2013).

De acordo com Capalbo (2008), a fenomenologia quer nos elucidar sobre a relação homem e mundo, sendo que esta relação não se faz sem o mediador corpo que é eu-mesmo e mundo.

Esta fenomenologia fundamenta-se no indivíduo que vivencia a experiência e no significado que este atribui a esta experiência, dentro da sociedade na qual está inserido (SCHÜTZ, 1974b). Para Schütz, a ação é originada na consciência, é voluntária e projetada para o futuro em sua estrutura temporal e está relacionada como projeto, que antecipa o resultado da ação. O projeto é uma antecipação pela imaginação da conduta futura. Assim, toda ação é uma atividade natural que é orientada para o futuro, sendo dirigida “para” (SCHÜTZ, 1974b).

Na sua teoria da motivação, Schütz (1974b) define que o motivo é o objetivo que é desejado a conquistar com a ação e o entende a partir de duas ordens definidas como: motivos porque e motivos para.

De acordo com Schütz (1974b), o motivo para está voltado a uma ação futura e baseia-se no contexto de significado que é construído ou se constrói sobre o contexto de experiências disponíveis no momento da projeção da ação. Como essa categoria é essencialmente subjetiva, somente a pessoa pode definir o seu projeto de ação e seu desempenho social. O motivo porque se estrutura e constitui um conhecimento do acúmulo de conhecimentos sociais que são adquiridos ao longo da vida advindos da experiência pessoal ou recebidos por herança cultural. Estas experiências vividas, acumuladas e aprendidas explicitam e explicam suas ações (SCHÜTZ, 1974b).

Após o ato, estas ações podem ter um processo de reflexão, o que torna acessível ao pesquisador (SCHÜTZ, 1979).

A tipificação é um conceito importante para Schütz, sendo que é compreendida através da observação com flexibilidade, constituindo uma estrutura suscetível de rompimento, fundir-se ou dividir-se, conforme é desenvolvida a experiência social, sendo o que distingue o caráter intersubjetivo de toda tipificação (CASTRO, 2012).

Schütz relata que a tipificação refere-se a um tipo pessoal, nas relações do homem com o mundo social, derivando as suas experiências através das relações sociais. O tipo vivido se faz com as características dos sujeitos típicos que estão introduzidos no mundo social (MERIGUI et al., 2013).

A teoria de Schütz permitiu compreender as ações que motivam os familiares a inserirem os idosos no CDI e nas percepções de importância e impacto do serviço na vida do idoso e seu familiar, abrangendo assim os “motivos para” e “motivos porque” desses familiares. Apresentaremos a seguir os resultados obtidos da pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente investigação foi orientada a partir do objetivo do estudo, isto é, sendo desvelado o fenômeno, através das perguntas norteadoras da pesquisa, realizadas por meio de entrevistas, para alcançar o objetivo apresentado.

Antes da apresentação dos resultados e das discussões, para compreensão acerca dos onze participantes do grupo social, apresentam-se a seguir de maneira breve algumas características que definem a situação biográfica de cada entrevistado. Os participantes foram identificados com a sigla “P1” sendo “P” de participante e o número “1” referiu-se ao número do total de participantes.

P1: mulher, 51 anos, executiva aposentada, solteira, evangélica, é filha da idosa que frequenta o CDI três vezes na semana. Recebe ajuda financeira da irmã para ajudar com os gastos com sua mãe. Está apresentando exaustão física e psicológica com os cuidados a familiar. Buscou o CDI devido à sobrecarga aos cuidados e a fragilidade da idosa por apresentar doença de Alzheimer.

P2: mulher, 49 anos, administradora de empresa, divorciada, evangélica, é filha da idosa que frequenta todos os dias da semana o CDI. Divide os cuidados da mãe com sua irmã ao longo da semana, com a presença de cuidadoras. Buscou o CDI após a sobrecarga de seu pai que veio há falecer pouco tempo após a inserção de sua mãe ao CDI. Sua mãe é diagnosticada com a doença de Parkinson que veio a piorar o seu quadro clínico após o falecimento de seu cônjuge.

P3: mulher, 43 anos, arquiteta, ateu, casada, é sobrinha da idosa que frequenta três dias da semana o CDI. Buscou o CDI após doença estar se agravando, sua tia foi diagnosticada com doença de Alzheimer. Possui a curatela de sua familiar.

P4: mulher, 57 anos, professora aposentada, acredita em Deus, porém não possui religião, solteira é filha da idosa que frequenta todos os dias da semana o CDI. Sua mãe morava com o seu irmão e após o seu falecimento apresentou dificuldade com a memória. Logo após a recuperação por uma fratura no fêmur que sofreu após uma queda, a filha buscou o CDI.

P5: mulher, 67 anos, pedagoga aposentada, católica, casada, é filha da idosa que frequenta dois dias da semana o CDI. Buscou o CDI para ocupar sua mãe com atividades oferecidas pelo serviço.

P6: mulher, 32 anos, gestora ambiental, ateísta, solteira é neta da idosa que frequenta dois dias da semana o CDI. Após duas quedas, a sua avó ficou com medo de sair, conseqüentemente, a socialização tornou-se prejudicada apresentando esquecimento, dores pelo corpo e parando de realizar as ABVDs. Buscou o CDI para sua avó não ficar o dia sozinha na residência, pois todos os familiares trabalham.

P7: mulher, 53 anos, engenheira civil, católica, solteira é filha da idosa que frequenta três dias da semana o CDI. Após o falecimento do seu pai, sua mãe ficava muito sozinha em casa, então a filha buscou o CDI, porque ela e um sobrinho, que residem na mesma casa, trabalham ao longo do dia. A idosa possui doença de Alzheimer.

P8: mulher, 54 anos, pedagoga, espírita e católica, solteira é filha do idoso que frequenta todos os dias da semana o CDI. Apresenta-se cansada com os cuidados ao seu pai e buscou o CDI porque trabalha e teve experiências ruins com cuidadoras.

P9: mulher, 70 anos, possui ensino médio, budista, viúva é filha da idosa que frequenta duas vezes na semana o CDI. Relatou estar estressada com as atitudes e os cuidados com sua mãe. Buscou o CDI para ocupar sua mãe com atividades e diminuir a sobrecarga aos cuidados.

P10: mulher, 56 anos, possui superior completo em letras, católica, casada é nora da idosa que frequenta três vezes na semana o CDI. Buscou o CDI para ocupar a sogra e não deixá-la sozinha em sua residência, porque todos os familiares trabalham durante o dia.

P11: mulher, 56 anos, possui ensino superior completo em letras, católica, casada é sobrinha da idosa que frequenta duas vezes na semana o CDI. Buscou o CDI para a tia possuir uma ocupação e não ficar sozinha o dia inteiro em casa. A idosa não

possui filhos e após o falecimento do cônjuge mudou de cidade para ficar perto da família.

Os participantes da pesquisa foram todos solícitos em ajudar e dispostos a contar sobre a sua vivência e a experiência da inserção do seu familiar ao CDI.

O perfil dos participantes caracterizou-se pelo predomínio do sexo feminino, solteiras, com ensino superior, católicas, sendo filhas no seu grau de parentesco, com idade variando entre 32 e 70 anos, com frequência do seu familiar ao CDI de duas a três vezes por semana.

Conforme pudemos notar, todas eram cuidadoras, a literatura indica que o processo de cuidar é assumido com maior número por mulheres (FALCÃO, 2006; MARCUM et al., 2018).

Com a fundamentação na fenomenologia social de Alfred Schütz, desvelaram-se as motivações que levaram os familiares a inserirem seus idosos no CDI. Ao conhecer as categorias extraídas das entrevistas dos participantes foi possível a compreensão do fenômeno e alcançar o objetivo do estudo.

A fenomenologia é uma abordagem qualitativa que compreende como os participantes atribuem um sentido aos acontecimentos e experiências em suas vidas e, ao mesmo tempo, reconhece a função do pesquisador na interpretação das experiências subjetivas dos participantes (LEBOW e STROUD, 2016).

As questões da entrevista permitiram retratar os “motivos porque” e “motivos para” o familiar inseriu o idoso no CDI: Conte-me sobre a sua vivência com o seu familiar. Como foi para você a inserção do seu familiar no Centro Dia? Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia? Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Na leitura cuidadosa dos depoimentos, buscamos compreender o que havia de mais significativo em todos eles, ou seja, a vivência da inserção dos idosos no Centro Dia para Idosos com a perspectiva de seus familiares.

Com os depoimentos, agrupamos as categorias com as mesmas temáticas e começamos a compreender o significado subjetivo que os familiares atribuíram as suas ações, assim construindo as categorias do vivido que retratam os motivos “porque e para” dessa vivência.

A figura 2 abaixo apresenta as categorias dos “motivos porque” e “motivos para” da pesquisa.

Categorias “motivos porque” e “motivos para”

Figura 2 Categorias “motivos porque” e “motivos para” da pesquisa. São Paulo, 2019. Fonte: a autora.

Algumas variantes significativas foram percebidas no ser familiar na inserção do idoso no CDI, assim, ao relatarem seus sentimentos e percepções, foi possível desvelar o significado do CDI deste grupo social.

A análise resultou em 12 categorias motivacionais, das quais seis são categorias referentes aos “motivos porque” e seis categorias, referentes à intenção, que são os “motivos para”.

Na análise dos discursos, ressaltamos a intersubjetividade e a relação face a face que, para Schütz, quando eu estou face a face com alguém, meu conhecimento a seu respeito aumenta a cada instante e na compreensão de uma relação que está sendo vivida, sendo que a intersubjetividade está sendo construída da experiência de viver em comum no mundo, na sua dimensão social, configurando a relação social (WAGNER, 2012).

Para Schütz a reflexão é fundamentada na vida social, identificada no cotidiano de sua existência, motivo pelo qual se busca a compreensão da vivência dos familiares no momento da inserção do idoso ao CDI.

As mudanças efetivas dos idosos após a inserção no CDI, observadas e vivenciadas no cotidiano familiar, é o que Schütz (1972) denomina como ação da conduta humana, que são projetos que o homem pretende realizar, também chamados de “motivos para”.

Os homens possuem razões para suas ações, sendo essas razões são baseadas em experiências vividas no decorrer da vida, assim Schütz denominou de “motivos porque”. Quando o indivíduo age, ele não está consciente de tais motivos, para tanto, esse tipo de motivo é essencialmente objetivo, pois o motivo pode ser compreendido após a ação ter sido concluída.

A seguir, apresentaremos os “motivos porque”, elucidados na vivência do familiar do idoso inserido no CDI.

As categorias agrupadas dos “motivos porque” foram: *Ter conflitos familiares; Sobrecarga do cuidador; Ser Arrimo familiar; Estar dependente; Apresentar depressão e O cuidado em não deixar o idoso sozinho.*

5.1 Ter conflitos familiares

Segundo os relatos de algumas cuidadoras familiares, as divergências e brigas geralmente são ocasionadas pelos idosos que apresentam doenças mentais, assim provocando fadiga ao cuidador e gerando conflitos na família, como mostra o depoimento abaixo:

“Mas assim, eu já tive até discussões com a minha irmã, por achar que qualquer coisa que eu falasse e que eu tivesse reclamando, entendeu...

- Ah! Porque a nossa mãe a vida inteira cuidou da casa, cuidou de tudo e agora há pouco tempo que está com você, já está sendo um fardo pra você (irmã).” (P1)

Uma das cuidadoras mencionou a dificuldade de convivência com a idosa em consequência da doença de Alzheimer apresentada por sua mãe e a mágoa provocada em situações de antigas lembranças.

“aqui todo mundo perde a paciência. Eu acho que a paciência com o idoso é igual à paciência com criança, a minha mãe guarda muito, a memória dela é boa, ela guarda muitas coisas assim que magoa e não tem jeito... é tudo, é chuveiro ligado... é molhado, então qualquer coisinha, então é difícil a convivência.” (P4)

De acordo com Czekanski (2017), a doença de Alzheimer ou uma demência apresentam desafios únicos na maneira de cuidar, por gerar muitas limitações desconhecidas ao idoso e, conseqüentemente, provocando estresse a esse cuidador.

5.2 Sobrecarga do cuidador

A sobrecarga do cuidador provoca cansaço e geram sinais e sintomas de doenças na saúde do cuidador familiar. O excesso de atividades da vida diária ao cuidar do idoso pode ocasionar estresse, conforme as falas abaixo dos cuidadores familiares.

“Tomo diariamente o remédio, aí esta semana, mesmo eu tomando remédio, deu de novo o mal estar, é uma sensação do peito tremendo, uma coisa trêmula, como você estivesse pra receber uma notícia ruim ou uma notícia muito importante e tal, é uma sensação muito desagradável. Eu já tive momentos, assim de sentar e chorar de soluçar de cansaço.” (P1)

“ela era realmente terrível, porque ela tinha a parte física total, então ela não parava, ela ficava mexendo nas coisas o tempo todo e meu pai enlouquecendo.” (P2)

Nos depoimentos, aparece a exaustão cotidiana do cuidador familiar chegando a provocar complicações em sua saúde, porque a pessoa passa a ser cuidador em tempo integral e, assim, não consegue cuidar de si. Segundo Czekanski (2017), conforme a velhice avança, problemas podem surgir inclusive em indivíduos com progressão de demências, que levam a sintomas psicológicos como agitação, agressividade, depressão e ansiedade.

O peso e a tensão de incumbir novas tarefas e responsabilidades indesejadas, assumindo-se como cuidador do idoso, geram uma mudança no papel familiar e, conseqüentemente, podem levar ao estresse do cuidador, principalmente quando ele é o único cuidador dentro da família (MARCUM et al., 2018).

5.3 Ser arrimo familiar

Com a inevitabilidade de algum familiar assumir os cuidados do idoso, um membro da família torna-se o principal cuidador de todas as suas necessidades, inclusive financeiramente.

“O cuidado fica todo eu mesmo, infelizmente por questão que eu não consigo, eu até gostaria de ter alguém pra me ajudar no final de semana, mas infelizmente não dá, financeiramente não dá!” (P8)

A maioria dos cuidados do cotidiano geralmente é assumida por um indivíduo familiar e, neste sentido, MARCUM et al. (2018) afirmam que o cuidado envolve uma grande realização de tarefas e papéis, incluindo a assistência ao idoso, a ajuda com as finanças, a coordenação dos serviços e a tomada de decisões aos cuidados fornecidos.

5.4 Estar dependente

Com o aparecimento de doenças ou a cronicidade das consideradas DCNTs e principalmente das doenças mentais, o idoso assume uma nova condição na realização de atividades e torna-se dependente do cuidador familiar.

“hoje em dia, ela é uma pessoa totalmente dependente de mim, de se vestir, de escovar os

dentes, tomar o banho, mas eu direcionando eu de perto olhando.” (P1)

“ela começou assim, a ficar mais dependente de algumas coisas, parou de cozinhar, parou de fazer compra sozinha foi esquecendo várias coisas...” (P6)

As pessoas que apresentam demência, muitas vezes, não percebem o seu declínio e que, ao longo do período do agravamento da doença, demandam mais cuidados. Todo esse processo é menos estressante ao indivíduo com demência, porém, eleva a exigência em relação ao cuidador. Assim, Williams et al. (2016), em seu estudo refere que alguns indivíduos com demência percebem um declínio em suas atividades. Essa percepção gera aflição e angústia, levando a uma dificuldade na comunicação e ao isolamento social.

5.5 Apresentar depressão

Em decorrência de alguma doença que pode causar a depressão, muitos idosos vão ficando isolados e assim diminuindo suas relações sociais, o que leva a um prejuízo no enfrentamento das situações do cotidiano.

“...por depressão, uma série de fatores, ela não aceitava mais ir trabalhar, acompanhada e tudo mais, não aceitava e se colocou em casa, vinte e quatro horas por dia, era muito difícil convencê-la até a ir ao supermercado fazer uma compra e tudo. Ela tinha que caminhar, tinha que fazer uma série de coisas por prescrição médica e tudo, mas havia um movimento de resistência, parte pela depressão.” (P3)

De acordo com Gjernes (2017), a solidão é presente em idosos com demência que vivem em residência e pode acarretar a depressão, porque a vida social torna-se prejudicada, sendo que é vital para o ser humano, portanto, engajar-se em atividades

com outras pessoas promove o envolvimento social, a comunicação e a oportunidade de construir e manter a identidade social.

5.6 O cuidado em não deixar o idoso sozinho

A maior preocupação dos cuidadores familiares foi deixar o idoso na frente da televisão, sem realizar nenhuma atividade que ajudasse na cognição, assim levando a um isolamento social e, conseqüentemente, provocaria outras doenças, conforme as falas abaixo dos familiares.

“...eu coloquei ela na escola (centro dia) pra não ficar sozinha em casa, porque eu fiquei com medo de ela ficar com depressão, porque ela ia ficar sozinha, porque todo mundo trabalha, fica o dia inteiro fora, sai de manhã e volta a noite e ela não tinha atividade...quer dizer tinha atividades da casa, mas não tinha mais ninguém, tipo ninguém pra conversar com ela.” (P7)

“...o que será que a minha mãe vai fazer durante o dia só ficar assistindo TV e a gente fica mais assim preocupada, porque eu achava que ela ficava mais fechada assim, então ela não acabava conversando muito...” (P9)

“Ah! Foi bom, porque a gente ficava preocupada, porque ela ficava muito sozinha, além de mudar de cidade pra uma cidade pequena, morar em apartamento, porque ela morava em casa, sem marido, então para nós a gente ficou bem mais tranquilo sabendo que ela vem aqui pelo menos duas vezes por semana e está conhecendo gente, está conversando, pra nós ficou bem mais

tranquilo por causa disso...” (P11)

Na pesquisa de Gishitomi et al. (2017) em um CDI, os familiares relataram a preocupação em deixar o idoso sozinho, pelo fato do isolamento social, do descuido no asseio pessoal, além da aflição de não ter notícias das suas atividades naquele período. Estes fatos mostram o quão é relevante a preocupação do cuidador familiar em ter um lugar para levar o idoso, onde ele se ocupará com atividades e poderá socializar, o que diminui as chances do aparecimento de demências e traz segurança ao cuidador que precisa sair para trabalhar e agora sabe o que está acontecendo com o seu idoso.

A seguir, apresentaremos os “motivos para” os familiares inserirem seus idosos no CDI.

Com os depoimentos analisados, foi possível obter as seis categorias dos “motivos para” a compreensão da inserção dos idosos no CDI pelos familiares. Os “motivos para” os familiares inserirem os idosos ao CDI foram: *Realizar diversas atividades; Promove alívio da sobrecarga do cuidador; Promove a socialização; Promove melhora na saúde; Ter acolhida; Ter alegria estampada no rosto.*

5.7 Realizar diversas atividades

Segundo os relatos das entrevistas, as atividades do CDI estimulam atividades realizadas no passado e melhoraram a memória, recuperando e preservando os pensamentos, sentimentos e conhecimentos construídos ao longo da vida.

“...quando ela começou a frequentar o Centro dia que a gente viu e às vezes tem as coisas de fim de semana e tudo o que ela faz, eu fiquei super aliviada dela até poder redescobrir algumas coisas que ela não fazia mais. Ela não cantava mais que ela tinha vergonha e agora às vezes a gente tem estas surpresas de estar passeando. A primeira vez que a gente estava passeando e ouvi ela cantando. Eu fico muito tranquila de saber que ela está fazendo atividades com pessoas que

acompanham...” (P6)

“...quando ela voltou aí que ela começou a recuperar e agora ela está super bem, eu acho que aqui faz as atividades e acaba esquecendo um pouquinho e antes de entrar ela estava com a memória muito falhada...” (P10)

Os familiares quando perceberam que seus idosos estão, novamente, realizando atividades do passado, com sentimento de bem-estar, a melhora da memória e maior interação social, notam os benefícios das atividades realizadas no CDI.

Chang e Chien (2018), em seu estudo realizado em um CDI de Taiwan, com uma atividade de lembranças de imagens, mostrou que a atividade reduziu a depressão, melhorou a autoestima e o bem estar psicológico nos idosos com demência.

5.8 Promove alívio da sobrecarga do cuidador

Muitos familiares relataram como motivação para utilizar o CDI o alívio da sobrecarga aos cuidados do cuidador familiar, proporcionando-lhe tempo para se cuidar e realizar outras atividades. Ficavam tranquilos sabendo que o idoso está sendo bem cuidado, como destacam as falas a seguir:

“... se eu não tivesse o Centro dia eu acho que já tinha pirado, sabe! Porque eu tenho pelo menos um respiro nesse meio período que eu deixo ela aqui. Então esse tempo eu faço tudo, não é que eu fico em casa assistindo a televisão, mas tudo que eu não consigo fazer e eu também tenho o respiro e de o tempo todo estar assistindo e repetindo, porque o exaustante é você estar repetindo tudo.” (P1)

“Pra mim foi um alívio em vários sentidos assim, primeiro porque eu vi a melhora dela de repente,

de uma semana pra outra eu vi o quanto isso foi bom pra ela e foi um alívio até para as nossas atividade... ter a tranquilidade que ela está em um lugar que ela gosta de estar, que ela se diverte, que ela descobre e de trazer também esta tranquilidade pra gente: de ela estar ali mesmo em interação com as pessoas, sem necessariamente a gente estar junto...” (P6)

“...eu faço aula de canto, sabe! De canto erudito e aí eu não tinha tempo de nem treinar direito e agora eu tenho um pouco de tempo pra treinar em casa, eu posso sair mais e ficar mais à vontade tem esse lado bom. Então eu fico menos estressada também e faço assim, a hora que estou cansada eu posso ficar descansando lá em casa sem se preocupar com a minha mãe...” (P9)

No estudo de Czekanski (2017), um dos seus participantes da pesquisa relata sobre o quanto foi importante o CDI, salvando a sua vida familiar e promovendo um propósito de vida para o seu idoso. Assim, podemos afirmar que o CDI é um recurso eficaz na vida da família quando envolve questões mais complexas de fragilidade e demências na velhice.

5.9 Promove a socialização

Segundo os depoimentos dos cuidadores familiares, o CDI propicia a socialização, a serenidade e a comunicação. Além de favorecer o convívio com outras pessoas, ajuda na harmonia familiar e contribui para o bem-estar das idosas. Eles voltam para casa com ânimo e mais tranquilos, de acordo com os trechos a seguir:

“Eu acho que ela melhorou, ela começou a ficar mais calma, ela fazia muitas atividades e naquela época ela andava, ela fazia caminhadas no parque

e isso fazia com que ela se cansasse, então ela voltava um pouco melhor, mas mesmo assim ela era terrível, terrível, as noites eram muito difíceis, ela não deixava a gente dormir, era bem difícil. Ela voltava melhor, porque ela voltava mais cansada, então o centro dia trouxe a socialização pra ela de novo...” (P2)

“...eu acho que o principal benefício é a socialização, principalmente nessa fase que ela está entrando agora, que está ficando mais avançada, está entrando em uma fase mais grave, eu acho que ela tem aproveitado cada vez menos as atividades, eu acho que positivo ainda está na convivência com outras pessoas que é nisso que o centro dia tem sido bem benéfico pra gente até agora.” (P3)

“Ela convive muito com pessoas da mesma faixa de idade, ela percebe as diferenças e ela também se percebe, eu acho interessante, eu acho que a convivência no centro dia ela traz um astral muito bom e recupera, eu acho algumas habilidades, sabe!” (P5)

“...agora se ela parar de vir ela vai sentir falta, porque ela gosta de conversar, ela é muito boa pra conversar e a gente também pela tranquilidade...” (P11)

De acordo com Gishitomi et al. (2017), o CDI promove a melhora da estimulação cognitiva, do relacionamento interpessoal. O serviço oferece um convívio social, o que torna o idoso mais ativo.

O CDI é um lugar que o idoso gosta de frequentar pelas opções de atividades. É um espaço de trocas de experiências, onde são estabelecidos vínculos com outras pessoas e o exercício da sociabilidade para as pessoas, sempre sendo respeitadas as limitações de cada um (ROQUE, 2014).

5.10 Promove melhora na saúde

Segundo os relatos das participantes, as atividades do CDI estimulam e ampliam as funções cognitivas, impactando na melhora saúde e mantendo o indivíduo bem por mais tempo. Foi referido, inclusive, que ocorreu um retardo no avanço da doença de Alzheimer. Destacamos as falas a seguir:

“...ela melhorou a dor totalmente, só com remédio para osteoporose mesmo, mas foi coisa de uma semana depois que ela entrou no centro dia ela melhorou...” (P6)

“...eu espero, na verdade que as coisas continuem e que evoluam cada vez mais assim, porque pra minha mãe está fazendo super bem, eu acho que se de repente a minha mãe não tivesse entrado no centro dia desde o início, eu acho que hoje ela estaria meio que acamada assim, sabe! Por conta da depressão, pela falta do meu pai, pelo fato dela ficar isolada dentro de casa e por conta da doença ir avançando, por ela não ter estímulo. Porque aqui eu acho que ela tem muitos estímulos e ela faz várias atividades que eu acho que ajuda, eu não digo que não evoluiu a doença dela, evoluiu bastante, desde quando eu descobri está fazendo seis anos, mas eu acho que seis anos é bastante tempo pra uma doença que dizem que evolui muito rápido, então eu acho que se ela não tivesse entrado na escola (centro dia), eu acho que ela tinha evoluído bem mais rápido.” (P7)

“...a gente percebe pelo o que a gente conhece, que melhorou bastante vindo aqui e pode ser que ela continuando, eu acho que vai manter ela bem e a atividade, porque a cabeça sempre está em movimento aqui com coisa que em casa não, é diferente quando está com outras pessoas aqui fazendo atividade, então eu acho que ela continuando, ela nem vai ter a chance de ter alguma coisa...” (P11)

As pessoas com demências podem possuir recursos cognitivos e serem ativados através da interação social e participação em atividades físicas e cognitivas compartilhadas em CDIs. A memória prejudicada pode causar vários problemas para a pessoa, mas a memória pode ser ativada com o apoio de outros indivíduos, como na resolução de problemas e na ajuda em realizar tarefas, como é apresentado no estudo de Gjernes (2017).

Nos discursos dos familiares, podemos salientar a diferença de comportamento que as idosas apresentaram com a frequência ao CDI e como as atividades melhoram a cognição, o bem-estar do indivíduo.

Gjernes (2017), em seu estudo, concluiu que em uma das atividades realizadas em CDI, envolvendo alguns idosos com demências, foram ativadas tipos de memórias que estimularam a comunicação, geraram a participação social e mantiveram a identidade social dos envolvidos.

A atividade física pode acarretar vários benefícios para a pessoa idosa como físico, social e emocional, melhorando a sua saúde. No estudo de Gouvêa et al. (2017), realizado em um CDI com idosos de 60 a 89 anos, na cidade de Maringá, mostrou que a Dança Sênior, considerada atividade física, trouxe vários benefícios a esses idosos, como no equilíbrio e na redução de quedas, na socialização e na diminuição da ansiedade.

5.11 Ter alegria estampada no rosto

O CDI estimula e provoca a alegria nos idosos, melhorando humor e ânimo. Conforme o relato dos familiares foram notadas mudanças em alguns aspectos, como

entusiasmo, disposição em realizar atividades e melhora na convivência com pessoas, principalmente, dentro da família.

“...a gente sabe como ela volta daqui, feliz, com energia, bem de ter ficado algumas horas entretida, produtiva de alguma forma.” (P3)

“...pelo fato de ela estar na escola (centro dia), pelo fato dela conviver com outras pessoas, você vê que ela é uma pessoa feliz assim, eu não vejo ela uma pessoa infeliz, ela gosta de vir...” (P7)

“O meu pai é uma pessoa muito feliz no CDI, muito contente, muito bem tratado, eles conhecem muito bem o meu pai, então eu sou muito grata, não tenho o que falar.” (P8)

No estudo de Miyamoto (2016), realizado com idosos em um CDI, mostrou que a felicidade estava presente nos idosos, motivada pela ocupação em diversas atividades, pelo companheirismo com outras pessoas e, inclusive, por ter uma rotina. Todos esses fatores geraram mudanças positivas em seu comportamento.

5.12 Ter acolhida

O CDI é um serviço em que o cuidador familiar e o idoso sentem-se acolhidos. Além do cuidado básico, como alimentação e cuidados pessoais, o CDI oferece carinho e transmite a sensação de segurança, segundo os depoimentos das entrevistadas.

“...o Centro dia é maravilhoso, então ela foi muito bem acolhida, deu uma segurança bacana pra gente.” (P2)

“...eu comecei a procurar outros lugares, acabei conhecendo aqui, que é perto da minha casa e não

da dela, mas eu gostei muito da proposta, conheci outros lugares e tudo, mas achei que aqui dava pra dar continuidade, aquela proposta de terapia realmente, da questão cognitiva é importante, o projeto pessoal com os idosos e a convivência, alguns dos colegas dela vieram pra cá também, então isso ajudava nessa adaptação novamente. Então eu vim pra cá e da mesma forma, sentimos acolhidos, deu tudo certo...” (P3)

“Eles sempre foram muito atentos com o meu pai, que eles ofereçam a parte do carinho, atenção, que cuidem dele em todos os sentidos, na parte se ele se alimentou ou não se alimentou e principalmente que ouçam ele...” (P8)

Por causa da atenção que é dada aos idosos pelos profissionais do CDI e da aproximação por meio das atividades, os idosos sentem-se acolhidos, como estivessem em um ambiente familiar (MIYAMOTO, 2016).

6 O TIPO VIVIDO

Com os depoimentos coletados e a análise das categorias geradas dos **motivos porque** e **motivos para**, a partir do olhar teórico-fenomenológico social de Alfred Schütz, foi possível a construção do tipo vivido do cuidador familiar que insere o seu idoso no CDI.

As tipificações manifestam-se na experiência cotidiana do mundo como algo evidente, sem qualquer formulação de juízos ou proposições claras (WAGNER, 2012).

O tipo vivido estudado destes familiares constitui uma característica para este grupo social que vivencia a necessidade de inserir o seu idoso no CDI.

Subjetivamente, duas pessoas não poderiam vivenciar a mesma situação e da mesma maneira, porém tendem a seguir os padrões estabelecidos pelo grupo social em que vivem, por eles serem uma situação dentro do grupo social, seus problemas privados são necessariamente existentes tendo como contexto os problemas do grupo (WAGNER, 2012).

A relação vivida simultaneamente desse grupo social ou na relação com os nossos contemporâneos que é o importante para a investigação na fenomenologia social e assim viver a partir de tipos que se estabelecem em nossa relação.

As categorias concretas do vivido a partir da ação subjetiva permitiram revelar o tipo vivido dos cuidadores familiares que inseriram os seus idosos no CDI. Sendo estes: a promoção de atividades que preservam a cognição e memória; promovendo o alívio da sobrecarga do cuidador e, ao mesmo tempo, estimulando a socialização e a melhora na saúde; o familiar e o idoso sentem-se acolhidos e percebem a mudança no comportamento do seu idoso, quando a alegria é estampada em seu rosto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, realizada à luz do referencial fenomenológico social de Alfred Schütz, permitiu compreender o fenômeno da inserção do idoso no CDI na visão do cuidador familiar. Foi capaz de revelar a vivência do cuidador familiar por meio dos depoimentos coletados no momento da ação, ou seja, a inserção do idoso no CDI.

A compreensão desse fenômeno pode ajudar outros cuidadores familiares que estão vivenciando a mesma situação com o seu idoso. Para o idoso, a estimulação ao utilizar o CDI é evidente por ser um ambiente que promove atividades direcionadas a ele, proporcionando a socialização, melhorando o humor, a saúde e a cognição. Este tipo de serviço auxilia no compartilhamento dos cuidados do idoso e, consequentemente, alivia os conflitos e a sobrecarga do cuidador familiar.

O saber escutar e orientar de forma efetiva as demandas de cuidado do idoso e da família pelos profissionais do CDI promove acolhimento e segurança. Essa maneira de conduta estabelece uma relação intersubjetiva de respeito ao momento que aquele cuidador familiar está vivenciando e proporciona possíveis soluções para o bem-estar do idoso.

É relevante, para a prática dos profissionais de Gerontologia, apreender a importância de uma visão humanizada nos atendimentos e acompanhamentos dos cuidadores familiares que utilizam o serviço, como os resultados desta pesquisa sugerem. Cabe ressaltar a importância do conhecimento e a habilidade de orientar os familiares com os recursos que estão ao seu alcance para cuidar melhor do idoso e, assim, tentar trabalhar em rede com os serviços públicos.

Ao longo da realização da pesquisa, ficou evidente nas entrevistas com os familiares, a importância da divulgação sobre o que é o CDI e qual o seu objetivo. Para que, no momento em que o cuidador necessite do serviço, ele já tenha conhecimento acerca do CDI e saiba buscar o serviço. Mesmo que se trate de um serviço de valor alto para a realidade atual do nosso país, as pessoas têm o direito à informação.

Fica evidente e entendemos, a partir dos resultados da pesquisa, que o poder público construa CDIs por várias regiões e divulgue mais os programas direcionados aos idosos, para que um maior número de pessoas possa usufruir desse serviço e para que seja prorrogada a institucionalização do idoso, além de ser um serviço financeiramente mais barato que uma ILPI.

Os resultados mostraram que o CDI é um serviço vantajoso e podemos considerar que é um serviço que retarda o idoso a ir possivelmente para uma ILPI. Um dos depoimentos nos deixou muito emocionadas, quando nos foi relatado que o idoso voltou a ter o sorriso estampado no rosto.

A pesquisa aponta a necessidade de aprofundar o conhecimento que envolva os familiares na inserção do seu idoso nas instituições direcionadas ao cuidado, a partir da subjetividade dos momentos vividos no processo da inserção. Para isso, é essencial a constante investigação na área da Gerontologia para oferecer contribuições científicas para a atuação profissional.

O estudo apresenta algumas limitações, como a dificuldade de tempo dos familiares fornecerem as entrevistas, além de pertencer a duas instituições em cidades diferentes.

Não temos a pretensão de que esta pesquisa encerre o objetivo da investigação, e consideramos que novos estudos, que abordem outros aspectos da inserção do idoso ao CDI pelo cuidador familiar, sejam realizados.

REFERÊNCIAS¹

ALTHOFF, Coleta Rinaldi. Delineando uma abordagem teórica sobre o processo de conviver em família. *In*: ELSEN, I.; MARCON, S.S.; SILVA, M.R.S. (org.). **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. Maringá: Eduem, 2004. p. 29-41.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre pesquisa envolvendo humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1:59, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e da outras providências. *In*: Brasil. **Ministério da Saúde**: Brasília, DF, 2003.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Aparecida: Ideias & letras, 2008. p. 61-98.

CASTRO, Fábio Fonseca de. A sociologia fenomenológica de Alfred Schütz. **Ciências sociais Unisinos**, v. 48, n.1, p. 52-60, 2012. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2012.48.1.06/839. Acesso em: 16 out. 2018.

CHANG, Hui Chen (Rita) e CHIEN, Hui-Wen. (2018). Effectiveness of group reminiscence therapy for people living with dementia in a day care centers in Taiwan. **Dementia**, v. 17, nº 7, p. 924–935, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1471301217725185>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1471301217725185#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CZEKANSKI, Kathleen. The Experience of transitioning to a caregiving role for a family member with Alzheimer's disease or related dementia. **Revista Americana de Enfermagem**, v. 117, nº 9, p. 24–32, 2017. DOI: 10.1097/01.NAJ.0000524517.60352.84. Disponível em: https://journals.lww.com/ajnonline/fulltext/2017/09000/CE___Original_Research_The_Experience_of.25.aspx. Acesso em: 20 dez. 2018.

DIOGO, M. J. D. Modalidade de Assistência ao Idoso e à Família: Impacto sobre a Qualidade de Vida. *In*: FREITAS, E. V. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1383-1385.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva. **Doença de Alzheimer: um estudo sobre as filhas cuidadoras e suas relações familiares**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3742>. Acesso em: 4 jan. 2019.

FALCÃO, D.V.S.; BAPTISTA, M.N. Avaliação psicológica de famílias com idosos. *In*: FALCÃO, D.V.S. (org.). **A família e o idoso: Desafios da contemporaneidade**. Campinas: Papius, 2010. p. 13-36.

¹De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2018).

FRATEZI, Flávia Renata e TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto. Validation of activities developed in day-care centers for elderly: subsidies for assessing the quality, **Enfermeria Global**, Espanha, nº 52, p. 236-251. DOI: <http://dx.doi.org/10.6018/eglobal.17.4.293511>. Disponível em: <file:///C:/Users/Eli/Downloads/293511-Texto%20del%20art%C3%ADculo-1170041-1-10-20181008.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

FRIED, Linda P. et al. Untangling the Concepts of Disability, Frailty, and Comorbidity: Implications for Improved Targeting and Care, **The Journals of Gerontology: Series A**, v. 59, nº 3, p. M255–M263, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1093/gerona/59.3.M255>

GISHITOMI, T.A. *et al.* O significado do Centro Dia no olhar dos familiares de idosos: uma abordagem qualitativa da fenomenologia social. In: BESTETTI, M.L.T., GRAEFF, B. (org.). **Habitação e cidade para o envelhecimento digno**. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2017. p. 153-175.

GJERNES, Trude. Knitters in a Day Center: the significance of social participation for people with mild to moderate dementia. **Qualitative Health Research**, v. 27, nº 14, p. 2233-2243, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1049732317723890>

GOUVÊA, José Alípio Garcia *et al.* Impacto da Dança Sênior nos parâmetros emocionais, motores e qualidade de vida de idosos. **Rev Rene**, v. 18, nº 1, p.51-58, 2017. DOI: 10.15253/2175-6783.2017000100008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/18868/29601>. Acesso em 11 novembro de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Normas de apresentação tabular**. [Rio de Janeiro]: 1993. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes>. Acesso em: 08 dez. 2017.

JESUS, Maria Cristina Pinto de et al . A fenomenologia social de Alfred Schütz e sua contribuição para a enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 736-741, June 2013 . DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420130000300030>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-623420130003000736&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 Dez. 2018.

JIN, Kunlin *et al.* The Critical Need to Promote Research of Aging and Aging-related Diseases to Improve Health and Longevity of the Elderly Population. **Aging and Disease**, v.6, nº 1, p. 1-5, 2015. DOI: 10.14336 / AD.2014.1210. Disponível em: <http://www.aginganddisease.org/EN/10.14336/AD.2014.1210>. Acesso em 16 nov. 2018.

KOJIMA, Gotaro. Frailty as a predictor of disabilities among community dwelling older people: a systematic review and meta-analysis. **Disabil Rehabil**, v. 39, nº 19, p. 1897-1908, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/09638288.2016.1212282>

LEBOW, J.; STROUD, C.B. Avaliação do funcionamento conjugal e familiar: Modelos e instrumentos predominantes. *In: WALSH, F. Processos normativos da família diversidade e complexidade*. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 501-528.

LEITE, Marinês Tambara *et al.* Idosos residentes no meio urbano e sua rede de suporte familiar e social. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, nº 2, p.250-257, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000200005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 09 set. 2017.

MARCUM, Christopher Steven *et al.* Primary Caregivers in a Network Context. **Journals of Gerontology: Social Sciences cite as: J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci.**, Oxford, v. 00, p. 1-12, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbx165>. Disponível em: <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/advance-article/doi/10.1093/geronb/gbx165/4788283>. Acesso em: 4 mar. 2018.

MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa *et al.* Mulheres idosas: desvelando suas vivências e necessidades de cuidado. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 47, nº 2, p. 408-414, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342013000200019>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000200019&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 fev. 2018.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte *et al.* O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, v. 19, nº 3, p. 507-19. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000300507&lng=en&tlng=en. Acesso em 20 dez. 2018.

MIYAMOTO, Tamiles Mayumi e CHUBASI, Rosa Yuka Sato. Centro dia para idosos: as motivações que levam os idosos a utilizá-lo. **Nursing (São Paulo)**, São Paulo, v. 17, nº 220, p. 1176-1178. 2016. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=28795&indexSearch=ID#refine>. Acesso em 5 dez. 2018.

NAVARRO, Fabiana Magalhães e MARCON, Sônia Silva. Convivência familiar e independência para atividades de vida diária entre idosos de um centro dia. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 11, nº 3, p. 211-217. 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648988004>. Acesso em: 14 de Agosto de 2017.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

NERI, Anita Liberalesso e VIEIRA, Ligiane Antonieta Martins. Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. **Rev. bras. geriatr. gerontol**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 3, p. 419-432. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232013000300002>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232013000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 de janeiro de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232013000300002>

NEUMANN, Lycia Tramuja Vasconcellos e ALBERT, Steven M. Aging in Brazil. **The Gerontologist**, Oxford, v. 58, nº 4, p. 611-617. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/geront/gny019>.

PAULA, Cardoso de *et al.* Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 67, nº 3, p. 468-472. 2014. DOI: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267031414021>

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006. p. 235.

ROQUE, Charles José. **Cuidar e Ser Cuidado: Compreendendo as Significações desse Processo para Familiares Cuidadores e Idosos Dependentes usuários de um Centro Dia**. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123901>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SÃO PAULO. Lei nº 15.809, de 14 de junho de 2013. Institui o Programa Social Centro Dia do Idoso. **Câmara Municipal de São Paulo** e dá outras providências, São Paulo, 2013. PL 0581/13.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia del mundo social**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

SCHÜTZ, Alfred. **Estúdios sobre teoria social: escrito II**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974b.

SCHÜTZ, Alfred. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Ação no mundo da vida. In: Wagner, H. R. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

TORRES, Tatiana de Lucena *et al.* Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciênc Saúde Coletiva**, v. 20, nº 12, p. 3621-3630. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001203621&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 17 dez. 2018

WAGNER, Helmut R. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes; 2012.

WILLIAMS, Christine *et al.* Stress in Persons with Dementia: Benefits of a Memory Center Day Program. **Archives of Psychiatric Nursing**, Florida, v. 30, nº 5, p. 531-538, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.apnu.2016.04.011>. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883941716300176>. Acesso em 17 out. 2018.

APÊNDICE A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO CENTRO DIA PARA IDOSOS PASÁRGADA

São Paulo, 22 de agosto de 2018.

Sra. Vanessa Idargo Mutchnik

Sr. Alessandro Pedrazolli de Moraes

Ao Centro Dia para Idosos Pasárgada – São Paulo

Vimos por meio desta, solicitar autorização para a estudante, Eliane Silva Bicocchi Canova, do segundo ano do Curso de Mestrado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, possa realizar a coleta de dados no Centro Dia para Idosos Pasárgada, que envolvam familiares dos idosos.

O Projeto é intitulado “A experiência de familiares de idosos em um Centro Dia: uma abordagem compreensiva”.

Os participantes da pesquisa serão familiares, sendo que o familiar deve ser o principal cuidador deste idoso e que utilizam o serviço oferecido pelo Centro Dia em um período de no mínimo, três meses para o vínculo com a instituição.

Temos como objetivo compreender a inserção dos idosos no Centro Dia sob a ótica de seus familiares.

Para tanto, gostaríamos de entrevistar os familiares dos idosos que frequentam o serviço por meio de perguntas abertas fundamentadas na Teoria das Motivações da Fenomenologia Social.

Agradecemos pela atenção e dispomo-nos para demais esclarecimentos.

Eliane Silva Bicocchi Canova
Aluna do Curso de Mestrado em Gerontologia
Bacharel em Gerontologia

Profª. Dra. Rosa Yuka Sato Chubasi

Vanessa Idargo Mutchnik
Centro Dia para Idosos Pasárgada

Alessandro Pedrazolli de Moraes
Centro Dia para Idosos Pasárgada

APÊNDICE B – CARTA DE AUTORIZAÇÃO DO CENTRO BEM ME CARE CENTRO DIA DO IDOSO

São Paulo, 18 de outubro de 2018.

Sra. Milena Yuri Suzuki

Ao Bem Me Care Centro Dia do Idoso – Suzano, S.P.

Vimos por meio desta, solicitar autorização para a estudante, Eliane Silva Bicocchi Canova, do segundo ano do Curso de Mestrado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, possa realizar a coleta de dados no Bem Me Care Centro Dia do Idoso, que envolvam familiares dos idosos.

O Projeto é intitulado “A experiência de familiares de idosos em um Centro Dia: uma abordagem compreensiva”.

Os participantes da pesquisa serão familiares, sendo que o familiar deve ser o principal cuidador deste idoso e que utilizam o serviço oferecido pelo Centro Dia em um período de no mínimo, três meses para o vínculo com a instituição.

Temos como objetivo compreender a inserção dos idosos no Centro Dia sob a ótica de seus familiares.

Para tanto, gostaríamos de entrevistar os familiares dos idosos que frequentam o serviço por meio de perguntas abertas fundamentadas na Teoria das Motivações da Fenomenologia Social.

Agradecemos pela atenção e dispomo-nos para demais esclarecimentos.

Eliane Silva Bicocchi Canova
Aluna do Curso de Mestrado em Gerontologia
Bacharel em Gerontologia

Profª. Dra. Rosa Yuka Sato Chubasi

Milena Yuri Suzuki
Bem Me Care Centro Dia do Idoso

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) no trabalho de campo referente à pesquisa “Compreender a inserção de idosos em um centro dia: a motivação dos familiares”, cujo o objetivo é compreender a inserção dos idosos no Centro Dia sob a ótica dos familiares em relação à qualidade da assistência dos idosos que frequentam o Centro Dia.

Fui informado(a) que a pesquisa é desenvolvida pela estudante Eliane Silva Bicocchi, para obtenção do título de mestra de Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP). Sua orientadora é a Prof^a. Dr^a. Rosa Yuka Sato Chubaci, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário pelo e-mail rchubaci@usp.br e pelo telefone (11) 3091-1027.

Como benefícios desta a pesquisa, esperamos conhecer o que motiva os familiares a utilizarem o serviço de Centro Dia e, assim, contribuir para a qualidade da assistência de acordo com as demandas identificadas pela pesquisa. Poder considerar nas ações do Centro Dia as necessidades do idoso incluindo as demandas e expectativas dos familiares. Esperamos com os resultados possibilitar reflexões na assistência, no ensino e na pesquisa do cuidado ao idoso no Centro Dia.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para com a pesquisa. Fui informado(a) do objetivo estritamente acadêmico do estudo.

Fui também esclarecido(a) de que o acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela estudante e pelo professor. No caso de utilização dos dados em trabalhos científicos, todas as informações que permitam identificar o(a)s participantes da pesquisa serão mantidas em segredo.

Estou ciente de que a pesquisa tem risco mínimo de ordem psicológica e fui ainda informado(a) de que posso me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para minha participação nas atividades, sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, ____ de _____ de ____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a)s pesquisador(a)es: _____

Endereço: Av. Arlindo Bétio, 1000 – Ermelino Matarazzo – CEP:005508-000 – São Paulo – SP
- Telefone: 3091-1046 - e-mail: cep-each@usp.br

APÊNDICE D – ENTREVISTAS DOS CUIDADORES FAMILIARES TRANSCRITAS NA ÍNTEGRA

Entrevista: P1

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Então, ela é muito querida assim, muito delicada, fala bastante, fala bastante do passado, da bisavó dela principalmente que tinha uma fazenda e parece que é o momento mais feliz da vida dela, porque ela fala muito de tudo, dos acerbispos, das pessoas importantes que frequentavam a fazenda da avó dela, né.....

Apaixonada pelos irmãos né.... e adora assim... a família, os netos, sempre foi dona de casa né.... não estudou muito, porque na época dela também né... e de todos os irmãos ela que era a cuidadora de todos assim, ela deixava todos impecáveis e ela estudou o básico assim e hoje em dia ela sente muita a vontade de ajudar né... de toda hora assim...

Às vezes eu falo assim:

- Mãe fica um pouquinho assistindo a televisão que eu estou preparando o jantar... Aí ela pega e fala de dois em dois minutos...

- Olha se você precisar de alguma coisa eu estou aqui viu... Má tô aqui viu... O tempo todo assim...

Mais assim hoje em dia ela é uma pessoa totalmente dependente de mim, de se vestir, de escovar os dentes ela escova os dentes, mas toma o banho eu direcionando eu perto olhando (CDP1/P1-1), ajudando ela a se esfregar e tal e tem a maior dificuldade de tomar banho, fala que está sempre limpinha, já estou limpinha, já me asseei e tal tudo e..... gosta muito de café, toma café o tempo todo assim e é uma preocupação... e agora é descafeinado direto na minha casa, mas ela acredita que esqueceu que não tomou o café e aí ela que tomar café de novo né, até eu faço agora um pouquinho né...pra não ficar tomando direto e todo lugar que a gente vai...

- Ai mas aqui não tem um cafezinho? Má não tem né? Você já falou? Cadê o café heim? Vamos tomar um café? (mãe)

Igual criança sabe... até eu parar num lugar e dar o café e é o maior vício dela assim... é o café e ela fala que não, o café pra mim é igual a um alimento, me tira o enjoo.

- Mas mãe você está com enjoo?

- Me tira o enjoo, me tira a dor de cabeça, não sei o que e tal... (mãe)

E assim sai... é uma balinha, ela vai lá nas balas, já escolhe a bala é assim eu tenho até um pouco de medo assim... porque gosta de muita besteira assim sabe...mas eu vou

controlando, porque em casa nós somos em duas né... eu e minha irmã, mas ela é casada tem os meus sobrinhos já grandes e ela vem pouco em casa, uma vez por mês, pelo menos ela vem assim...mas geralmente, eu que cuido da minha mãe. (CDP1/P1-2) Às vezes ela não tem a consciência do trabalho assim... ou não quer aceitar o que realmente está acontecendo né, mas agora ultimamente ela tem... acho que ela tem pesquisado, porque é uma pessoa culta assim...até outro dia ela falou assim:

- Má mas como... qual o nível da mamãe, né?(irmã)

- Acho que ela tem.... porque eu falei....seria tão bom se ela pegasse um dia minha mãe pra um passeio, pra almoçar fora, pra tomar um café, sabe..., mas não sei se ela tem medo de passar alguma vergonha, de ter alguma coisa, entendeu...

Mas assim, eu já tive até discussões com a minha irmã, por achar que qualquer coisa que eu falasse e que eu tivesse reclamando, entendeu... (CDP1/P1-2)

- Ah, porque a nossa mãe a vida inteira cuidou da casa, cuidou de tudo e agora à pouco tempo que está com você, você...já está sendo um fardo pra você. (irmã)

- E eu falei não é isso, sabe...não é essa a questão. Então assim, eu já não...eu evito de falar e assim teve dias assim, a semana passada, não sei o que aconteceu comigo, deu uma palpitação, um negócio assim...aí eu até comentei com a minha irmã:

- Olha, eu hoje... eu tomo remédio sabe...pra ansiedade, até pra menopausa, que eu comecei a ter esses negócios de palpitação depois da menopausa e aí fui umas três vezes, no espaço meio curto, no mesmo pronto atendimento, aí o médico falou assim:

- Eu estou vendo aqui que você veio outras vezes aqui né, com o mesmo problema? (médico)

- Faz o eletrocardiograma, faz tudo e não tem nada, né...(médico)

- Eu acho que isso aí pode ser de alguma outra coisa né, de ansiedade, de alguma outra coisa. (médico)

- Até eu fiquei meia assim né...mas ele falou assim:

- Acho que você deve consultar um cardio, um ginecologista, um clínico geral, um neuro, mas aí eu falei assim:

- Eu.... como a sensação é muito chata, muito rui né, eu fui no cardio e tudo, e a minha ginecologista tinha me dado um remédio pra tomar, mas era antidepressivo e eu falei assim:

- Eu não sou depressiva não vou tomar, aí eu comprei o remédio, li a bula e larguei o remédio lá e ficou lá o remédio, aí depois que fui no cardio, eu falei assim:

- O meu ginecologista me deu esse remédio, mas ele falou assim:

- Não mas por que?(médico)
- Porque o meu colega de trabalho a irmã dele sofreu uma depressão forte, por questão do marido ter deixado, aí a menina ficou um trapo humano, ela não tinha coragem, ela tinha uma filhinha, de cuidar da filha, ela não queria se levantar da cama, mas aí eu expliquei pro médico que eu tinha esse medo e sabia disso e por conta disso tinham pessoas que tomavam esse remédio e que ficavam imprestável, mas aí ele falou que esta dose ela é muito pequena, se você precisa realmente de alguma coisa que te faça bem, isso vai te fazer bem, pode tomar que não vai te criar dependência e comecei a tomar.
- Nossa, foi como tirar com a mão, foi ótimo, fiquei ótima.
- Então comecei a tomar, tomo diariamente o remédio, aí esta semana, mesmo eu tomando remédio, deu de novo este mal estar, é uma sensação de como o peito estivesse tremendo, uma coisa trêmula, como você estivesse pra receber uma notícia ruim ou uma notícia muito importante e tal, é uma sensação muito desagradável(CDP1/P1-3) e eu comentei com a minha irmã e ela falou assim:
- Você tem que tomar cuidado mesmo.... tem eu que fazer as coisas, não dá para fazer tudo.(irmã)
- Enfim....mas é uma coisa assim...e outra ela é empresária, ela tem os dois filhos também que já estão mocinhos agora e tudo agora é:
- Ah! A minha vida não é fácil. (irmã)
- Eu sempre fui a pessoa que escutou muito sabe dela...(irmã) (CDP1/P1-4) mesmo quando eu trabalhava e a Renata (sobrinha) era uma bebê, que eu fui a primeira sobrinha eu era executiva do sócio do Roberto Justus até era publicitária e era muita pressão também assim... mas aí na minha hora do almoço a primeira agência que eu trabalhei era na Bandeirantes e minha irmã mora no Campo Belo e ela entrava em desespero, porque estava sem empregada, tinha que dar comidinha pra criança e tal, pra você ter uma ideia ela não gostava tanto de cozinha se ela pegasse uma carne ela fazia assim.....(expressão de nojo). Então ela era muito fresquinha, sempre foi assim, mas é dela assim, conviveu com a gente, comigo, crescemos juntas, mas é o jeito dela. Eu pegava na hora do almoço ia lá e falava:
- Tira do congelador as carnes, corta batatinha, corta isso, fazia comidinha e saía correndo indo pra voltar para o trabalho e sempre assim com os problemas dela, porque é enfadonho a fase de neném né...mas ela tinha vontade de sair e eu trabalhava em agência de propaganda e ela falava:
- Me conta da sua vida, vem aqui em casa, me conta...(irmã)

-Porque ela não conseguia ir ao banheiro, porque era as crianças batendo na porta, porque eles estavam maiorzinhos, enfim... eu sempre fui a ouvinte e agora ela me ajuda financeiramente, porque eu não estou mais... eu sou aposentada, mas não consigo com o que eu ganho não é o suficiente, não consigo fechar negócio, então ela me ajuda bastante, mas só, ela quer me ajudar, mas assim... vamos contratar alguém pra te ajudar, mas não assim, chegar como ela fazia, quando às vezes minha mãe ficava um tempo na casa dela cuidando das crianças, porque a minha mãe morava fora, morava em Fortaleza, quando vinha viajava junto com ela, era uma pessoa que sempre estava lá ajudando e hoje em dia não é mais assim, mas enfim... é a vida dela, é a coisa dela. Ela paga o Centro dia também, hoje ela falou assim pra mim....outro dia:

- Ah! Vamos deixar um dia no Centro dia e mais dois a gente contrata alguém e não sei o que né? E eu falei assim:

- Eu prefiro que fique os três dias no Centro dia e o resto eu seguro, por que?

- Porque aqui ela tem as atividades (CDP1/P1-3) e outra se eu não tivesse o Centro dia eu acho que já tinha pirado, sabe! (CDP1/P1-4)

- Porque eu tenho pelo menos... eu tenho um respiro nesse meio período que eu deixo ela aqui, ela vem três vezes na semana, do meio dia até às sete da noite. Então esse tempo eu faço tudo, sabe... não é que eu fico em casa assistindo a televisão, mas tudo que eu não consigo fazer e eu também tenho o respiro e de o tempo todo estar assistindo e repetindo, porque o exaustante é você estar repetindo tudo. (CDP1/P1-5) Ah! Imagina assim eu não ligo, mas não ligo repetir 30 vezes, mas mil vezes, dia após dia tudo e... também está sentindo isso? Está sentindo aquilo? Como está a sua pressão? Antes eu media a pressão, porque ela tem problema de pressão, media de hora em hora, agora eu meço, o médico pediu para medir de manhã e a noite, então pra controlar os remédios tudo certinho, então não é fácil, é muita coisa e é uma coisa que eu não estava preparada, sabe este desgaste e outra qualquer coisa que acontecia, catava e emergência, porque eu não sabia, já desmaiou comigo, já passou mal comigo, já desfaleceu comigo, então você passa cada baque, cada susto assim sabe, igual outro dia ela tava... já tinha tomado café, já tinha se alimentado, pegou eu acho que tentou se segurar, quando eu vi... eu mãe o que foi isso? Você está bem? Você caiu?

- Ai caí!

-Pegou e puf... já caiu e já desmaiou.

-Aí já levei um puta susto, logo em seguida já medi a pressão, a pressão voltou ao normal, fui arrastando ela até a cama que é pesada, apesar de ser magrinha, mas é

pesada, então acontecem coisas que ninguém sabe, que é só eu, sabe! Então por isso tudo que vai vindo esses problemas né, de ansiedade, palpitação e mais o que a idade da menopausa, mas assim a nossa vida é muito em paz assim... sabe porque sou eu e ela e a cachorrinha que me dá muito trabalho. Então às vezes o que me desgasta é tipo, eu estou fazendo alguma coisa, mas precisa tem que levar pra passear, mas faz bem para o coração, então largo tudo do jeito que está, pego ela e a cachorrinha e vamos caminhar, então o dia é curto pra mim sabe, faço tudo voando, tudo correndo. Assim eu quero fazer as coisas na minha casa, quero me organizar por exemplo, às vezes no meu quarto não acho roupa, porque sabe e o quarto ficou feio perto da casa, porque eu pinte a casa e o quarto ficou, então eu olho pro quarto parece que está encardida as paredes e eu quero já esta semana se Deus quiser eu vou conseguir, ontem eu já fiz um monte de coisa. Então são prioridades que eu vou riscando da minha vida e conta pra pagar eu sento na internet e tem conta pra pagar, então, sou tudo eu que administro tudo e graças a Deus que tem o Centro dia que me ajuda bastante, se acontece alguma coisa, às vezes eles me ligam e eu venho imediatamente. Então é muito bom né! E no período da tarde já não faço a refeição pra ela, porque como ela esquece de comer ela quer o tempo inteiro alguma coisa entendeu...e como é desgastante porque eu faço o almoço tudo direitinho, ela come pouquinho, então o que significa, daqui uma hora ela está com fome, então tem que inventar outra coisa entendeu, então é sempre assim, então muitas refeições, muita coisa, mais já estou me adaptando, no começo foi mais difícil, agora...e Deus eu tenho aprendido orar e ter um relacionamento com Deus, então quando a gente está em desespero a gente esquece todos os livramentos, tudo o que é de bom que Deus fez pra gente. Então outro dia eu escutei isso, escuto a palavra assim, a minha formação é a católica, mas eu ultimamente tenho frequentado a igreja evangélica e tenho gostado muito, leio a bíblia, vou no encontro de mulheres, até que minha irmã não pode saber, porque ela acha que vou dar dinheiro pra igreja, sabe assim ela tem uma outra ideia, mas tem me feito muito bem pelo conhecimento, sabe de ler a bíblia e escutar louvores, escutar sermões que te acrescentam muito no dia a dia e dá um amparo e isso é muito bom e isso também é que foi a mais importante, porque foi...a primeira coisa que acordo eu me ajoelho, eu converso com Deus, tento me dar esclarecimento por eu estar passando por certas coisas, porque ele vai querer uma coisa boa de mim na frente, tem um propósito melhor na frente, enfim...então a gente escutando todas essas histórias bíblicas, nossa é bom, conforta, te fortalece bastante, mas assim a vida da gente com o Centro dia ficou muito boa.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Então.... no começo ela meio que...até hoje ela esquece que esteve aqui, então a memória recente dela é bem prejudicada, ela veio com uma memória recente já assim, mas assim, depois que ela entra, eu tenho até essa dúvida, será que ela sendo educada, porque ela é muito educada, muito sociável, mas eu vejo que ela se interage, assim com música, com as atividades. Então eu acho que faz bem, por ela, depois que ela está aqui, ela está bem, está melhor do que ela tivesse parada sem fazer nada e o mesmo com a pouca atividade que eu dou em casa, não é a mesma coisa, porque aqui tem pessoas preparadas e tudo, mas normalmente quando ela chega ela esquece e quando eu chego é aquela alegria.

– Ah! Minha filha!

E todo dia ela repete a mesma coisa, essa é a minha filha, mas teve momentos que ela também.

- Ah! Não precisa! Ah! Não quero!

Sabe não sei se é porque tinha pessoas assim ...tem de tudo né...tem aquele que está mais debilitado, tem algumas que já conversam, que já são mais interativas e outra ela dispersava, então qualquer atividade que davam pra ela, ela começava a falar só do social, da família, da avó, toda aquela história repetitiva, tentando fugir das atividades e agora eles estão conseguindo, ela está menos repetitiva, conseguindo prender mais a atenção dela. Por que ela não queria vir também?

- Porque ela se sentia intimidada por fazer coisas que ela não sabia, porque ela tinha esquecido, entendeu...então teve uma fase assim mesmo, não que ela peça pra vir pra cá, ela não pede, porque ela não lembra, mas eu sinto que no momento que ela está aqui ela se sente bem, mesmo quando eu chego ela está alegre, quando eu chego ela chega ela vê as pessoas se sente bem, então eu acho que é bom. Eu vi vários tá, antes de eu tomar a decisão de vir para o Centro dia eu pesquisei na internet e ouvi vários tipos de coisa assim...também cheguei a ir conhecer tal tudo, aí a gente sempre acha que é uma grana muito pesada pra gente gastar, mais com o tempo eu fui achando que valia a pena sabe, aí eu estava no parque da aclimação e a cuidadora daqui estava com uma senhora, aí ela começou a brincar com o cachorro, aí ela falou que era aqui, que tinha o Centro dia aqui, aí eu vi o preço e falei:

- Nossa, porque dois meio períodos já ia me aliviar em alguma coisa e eu tava fazendo alguma coisa boa por ela e aí eu resolvi colocar, mas foi assim que começou e ainda pertinho da minha casa, em cinco minutos eu estou aqui, (CDP1/P2-1) nem sempre eu

estou aqui, às vezes eu estou em Moema, estou em Vila Olímpia, estou em Pinheiros e agora isso tem acontecido comigo de procurar não me afastar muito com medo de não dar tempo, de dar algum problema de eu não chegar, mas é muito bom, eu estou muito contente. (CDP1/P2-2)

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia? Mudou muito, porque primeiro que eu tenho praticamente três dias, porque o período da tarde ele é mais longo e dá pra fazer bastante coisa e deu um respiro pra mim (CDP1/P3-1) né, poder descansar um pouco a minha cabeça, fazer as minhas coisas, me deu uma qualidade de vida melhor pra poder estar mais inteira com ela, (CDP1/P3-2) quando ela chegar e tudo e nossa eu não sei se não fosse o Centro dia como eu te falei, Deus não dá uma cruz maior que a gente não possa carregar né?

- Ele vai dar uma outra solução e eu tenho certeza que foi ele que deu esta solução do Centro dia, inclusive um dos dias, eu não estou podendo ir no culto de domingo, mas uma vez por semana eu vou no encontro de mulheres e escuto a palavra e isso tem me feito um bem enorme, porque eu estou sentindo que estou cuidando da minha parte espiritual, tudo é a mente e o pessoal fala que Deus está no coração, mas está muito na mente da gente, muito na cabeça né, no psicológico da gente e eu estou podendo me dar esta paz, estar dedicando um tempo pra Deus e fazer as minhas coisas, cuidar mais da minha casa, porque quando ela está lá eu vou pondo as coisas no meu quarto e deixo o resto em ordem e pra não causar nenhum risco pra ela, mas é impressionante é quase escravo sabe, é uma escravidão assim, muitas vezes eu me sinto assim sabe e às vezes eu fico pensando será que a minha mãe tá é um ninho dela, ela me escravizar desse jeito, porque Deus é impressionante assim tipo, esta noite, eu já tinha lanche feito tudo eu ia servir o jantar, eu já tinha feito um macarrãozinho no almoço com molho branco assim, bem gostoso mesmo, aí pegou e comeu super bem, aí chegou a noite eu falei: - Mãe você come o macarrãozinho?

- Aí ela falou, não tem arroz?

- Ah! Não, então eu vou fazer um arrozinho, você vai comer com um filezinho desfiado um ovinho cozido, aí eu fiz e ela comeu, mas sempre naquela quantidade dela, aí demorou um pouquinho aí ela:

- Não tem café?

- Mas aí eu falei mãe eu fiz café à tarde e o café não está bom. Aí faz um cafezinho pra mim? Por que eu queria tanto sabe, eu estou precisando, estou até com o gosto na boca. Aí peguei e fiz o cafezinho. Aí é o tempo todo sabe. Eu já tive momentos, assim de

sentar e chorar de soluçar de cansaço, (CDP1/P3-1) porque assim eu aproveitava a noite pra trabalhar, aí eu acordava e levava um susto, ela e a cachorra olhando pra minha cara. Aí eu levantava e brincava, fazia aquela farra, mas é assim. Hoje eu fui tomar um banho antes de vir pra cá e eu deixo a porta meio aberta, eu desligo o gás, porque ela aí não lembra como é que faz para ligar, mas mesmo assim eu falo:

- Mãe você fica quietinha aí, mas ela não para quando eu olho ela não está mais lá está em outro lugar, joga as coisas pela janela, já recebi reclamação e o que ela fala de repetição é feliz, não tem amargura e isso é bom, ela não é agressiva.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Então eu gostaria desta parte que eu não estou conseguindo lidar muito seria essa coisa da sensibilidade, da higiene, tipo se tivesse um jeito aqui de dar banho aqui pra mim seria maravilhoso, (CDP1/P4-1), mas eu às vezes penso assim sabe eu queria um fim de semana pra mim, se tivesse sei lá, um passeio (CDP1/P4-2), alguma coisa assim que pudesse, mas eu não sei se eu ficaria em paz, também se levassem pra longe, mas às vezes eu tinha uma vontade de ter um final de semana pra mim, um tempo, porque assim meio período passa rápido, quando você vê já foi, você tem que ir buscar, se tivesse assim sei lá mais tempo, mais por outro lado eu já estou tão habituada já, se ela está bem, se eu tenho que buscar, senão sei o que, mas eu gostaria assim de um tempinho maior, mais se tivesse um passeio, até gostaria assim não só o Centro dia, mas eu gostaria que a minha irmã, alguém que eu...mas eu vou te falar uma coisa eu confio mais no Centro dia do que...que... eu amo a minha irmã de paixão, ela é tudo pra mim, ela me ajuda, eu sei que ela não faz mais, porque ela não pode mesmo, mas com cuidados assim... com a minha mãe tem vezes, que ela acha que eu sou muito excessiva assim, sabe e não é, a gente sabe que não dá pra deixar mais minha mãe sozinha, não dá mais pra deixar sabe, hoje ela tem um pouco de consciência, mas ela mesmo pegar e levar para um passeio como ela fazia antes, quando as crianças eram pequenas... ela não faz né! Então me daria assim... se eu tivesse um lugar ou o Centro dia fizesse isso ah! Vamos fazer uma viagem com todo mundo, vamos passar o dia fora ou o final de semana, aí eu acho que ia ser bom, ia ser legal, (CDP1/P4-3) essa é a minha expectativa assim, mas aí já não seria mais um Centro dia né! Eu gostaria só se talvez pudesse fazer, dá um banho assim, pra mim ia ser legal.

Entrevista: P2

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Eu e meus pais em geral, tanto minha mãe, quanto o meu pai sempre fui muito ligada e no dia 16 de junho de 2015 o meu pai faleceu e a minha mãe já estava com problema de....o nome que deram da doença dela é Parkinson Levy é um Parkinson que também afeta a parte mental, né. Então nós já tínhamos passado por uns bons anos de sofrimento e principalmente que meu pai não aceitava, então ela fazia algumas peripécias assim, jogava a comida fora, tirava o dente e não queria colocar, de madrugada saía na rua surtada ou com sol, ou com chuva, tirava o meu pai de casa e meu pai teve tanto desgaste e acabou ele que tinha uma saúde mental e física perfeita e acabou falecendo e um pouco antes de ele falecer, um mês antes a gente viu que realmente não tinha mais condição de ele...eu ajudava bastante, mas a minha irmã que estava muito ausente, ela não queria ajudar em nada e os meus pais naquele momento precisavam muuuuito, muito de ajuda e aí não deu tempo, porque ele veio a ficar doente por uma falha é...um descuido, eles deram pra ele, ele pegou uma pneumonia e quando chegou no pronto socorro, minha irmã fez a gentileza de dar um pão de queijo e eles foram fazer aquela máscara para melhorar o pulmão, só que aquela que prende e ele engasgou e ela estava ausente e até que foi vê, então já era tarde, tiveram que entubar e aí depois que entuba, realmente só foi sofrimento e em quinze dias ele faleceu e aí nesse meio tempo que a gente estava procurando, minha mãe estava começando ir pro Centro dia o Pasárgada, foi o primeiro lugar que ela ficou, pra gente aliviar o meu pai, né, em 2015.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Então lá no Centro dia foi muito bom, porque era uma maneira de tirar ela de casa, deixar o meu pai um pouco em paz(CDP2/P2-1), né... porque na época ela era realmente terrível, porque ela tinha a parte física total, então ela não parava, ela ficava mexendo nas coisas o tempo todo e meu pai enlouquecendo, então foi muito bom, porque pelo menos dava um pouco de descanso(CDP2/P2-2), né.... assim pra ir pra lá no caso o Centro dia, o Pasárgada é maravilhoso, então ela foi muito bem acolhida(CDP2/P2-3), assim né, deu uma segurança bacana pra gente. No começo ela ficava em período integral, aí depois o meu pai veio a falecer e aí ela foi.... e os valores não estavam compatíveis com o que a gente podia pagar na época, então a minha irmã resolveu no outro Centro dia, mas era muito ruim. Então eu via assim que minha mãe em vez de melhorar, ela piorava e aí em dezembro, desse mesmo ano, eu liguei pro Pasárgada e pedi pra Vanessa se tinha como ela fazer um desconto, alguma coisa pra minha mãe

voltar pra lá e aí eles deram desconto e ela voltou pra lá e ela ficou até uns dois meses atrás, ela ficou uns três anos lá.

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Eu acho que ela melhorou, ela melhorou assim...ela começou a ficar mais calma (CDP2/P3-1), ela fazia muitas atividades e naquela época ela andava, ela fazia caminhadas no parque e isso fazia com que ela se cansasse, então ela voltava um pouco melhor, mas mesmo assim ela era terrível, terrível, as noites eram muito difíceis, ela não deixava a gente dormir, era bem difícil. Ela voltava melhor, porque ela voltava mais cansada e aos poucos ela foi se socializando(CDP2/P3-2), porque a minha mãe sempre foi uma mulher de ficar em casa e assim quando ela tinha saúde, ela tinha companhia, então as pessoas visitavam a casa dela, ela sempre foi muito anfitriã, então ela sempre tratou muito bem, então as pessoas eram convenientes ir na casa dela, só que depois que ela ficou doente, todo mundo sumiu, não sobrou ninguém, só sobrou....não sobrou ninguém, então ela ficou muito sozinha. Ela foi se fechando de uma maneira, então o Centro dia trouxe a socialização pra ela de novo(CDP2/P3-3), porque lá ela tinha...ela se arrumava em algum lugar, ela tinha bem ou mal os colegas dela lá, ela ia com o motorista, né e sempre uma festa, a musicoterapia, então aos poucos ela foi tirando aquela cara de horror que ela tinha no rosto e foi melhorando(CDP2/P3-4). Minha mãe na realidade ela só trabalhou até casar, porque naquela época, depois que casava não podia mais trabalhar, mas ela era costureira, costureira não, bordadeira, tanto que até hoje ela borda, ela fica assim de mentira, fica o tempo todo assim costurando, mas era uma profissão que ela odiava, porque na época era o pai e a mãe que punha pra trabalhar disso e acabou né, mas ela trabalhou só até casar, depois nunca mais, aí depois ela foi dona de casa e trabalhava comigo, comigo, eu sempre tive comércio, então ela sempre me ajudou. Ela passava principalmente os sábados comigo, então ela sempre ia pra onde eu estava e ficava junto, mas isso ela já era bem mais velha.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

O Pasárgada de tudo que eu já vi de amigas que contaram tudo pra mim é o melhor. Eu acho que a Vanessa é muito atenciosa, o Alessandro são pessoas bem...eu não tenho nada pra falar do Centro dia, do Pasárgada nada, assim...eu acho muito bom, excelente, comem bem, eu acho uma casa agradável(CDP2/P4-1), uma casa alegre, com o parque na frente, eu acho a Vanessa honesta, ela é uma pessoa que se preocupa com a pessoa que está lá, não é uma dona de um lugar que é só mais um número, né...que a gente teve a infelicidade da minha irmã não querer ficar mais com a minha mãe, que a gente teve

que dividir os dias, então a gente teve a infelicidade dos dias que ficavam com a minha irmã, ela colocava nesses lugares pra passar as noites e os finais de semana ficavam com ela né e foi uma experiência horrorosa, triste, eu acho que é uma....chega a ser uma coisa assim horrível que não dá nem pra explicar, entendeu...eu acho que tinham que ser todos fechados, porque eles tratam como um depósito de velho, entendeu...é um absurdo o que eles fazem, não cobram barato e agem assim de uma maneira horrorosa, pelo menos...minha irmã colocou ela em um que se chama Misamis, que é ali na Indianópolis que é uma casa muito bonita, luxuosa, mas que não tem carinho nenhum, não tem nada, paga-se bem, mas não tem nada, entendeu...aos finais de semana não tem nada, não tem nada, eles ficam realmente como um depósito, que colocou seu pai e sua mãe ali, eles comem, eles ficam jogados o dia inteiro, se for o caso sentado e depois ainda como a gente rachava os dias, então o lugar queria que ficasse direto às noites e eu nunca deixei, então a minha irmã acabou colocando em um outro que chama Olga e Dirce na praça da Árvore que é assim, a coisa mais horrível que eu já vi, porque as poucas vezes eu ia buscar a minha mãe lá assim e as pessoas gritam, eles ficam igual a uns coitados...é lamentável, assim é de chorar, você vê que não foi muito tempo que ela ficou lá, mas depois que ela ficou algumas vezes lá, mas essas noites que eram intercaladas, a minha mãe não anda mais, minha mãe quase morreu, porque eu acho que nem água eles dão e é assim uma coisa horrorosa mesmo, sabe... e o mais triste que você vai lá e eles te falam uma história totalmente diferente e é uma mentirada muito grande, eu achei uma pouca vergonha assim... Assim dos Centros dias que eu vi que eu conheço, não tem nenhum outro igual ao Pasárgada. Eu bati o pé a vida inteira, esses anos todos pra que não sáisse do Pasárgada é que infelizmente agora por conta do fato que aconteceu ela não está podendo ir, então ela está em casa com cuidador, mas assim é um horror, eu não sei como...eu acho que tinha que ter mais vigilância, eles pegam pessoas estressadas, pessoas sem preparo nenhum entendeu...que não tem amor a nada entendeu assim...outro dia eu cheguei nesse outro pra buscar a minha mãe, a mulher muito nervosa, ela não quis comer, ela jogou o prato no chão e daí que ela não deu mais comida e quer dizer que se eu não fosse lá buscar a minha mãe ela ia ficar sem comer e foi o que eles fizeram, então ali são pessoas que estão doentes, né... eu acho um absurdo, eu acho que eles deveriam ser fechados, tirando os bons é claro. O da Vanessa e alguns outros que eu não conheço, então eu acho que não sei se é o interesse da pesquisa, mas se alguém procura tem que realmente pesquisar, ver notas, ver os comentários na internet, entendeu...não ir pela aparência, mas às vezes o lugar é lindo,

mas é só as paredes, o pessoal ali e não tem nada. Então a minha opinião pelo Centro dia assim....se for o Pasárgada é muito bom, os outros foi traumatizante. No caso deles (Pasárgada) tem um diferencial bem grande, espero que eles não percam né...porque quem coloca é porque precisa, precisa trabalhar, né...e assim já é muito dolorido, então assim é muito triste, a minha mãe só não morreu mesmo, porque realmente ela passou todos os dias no Pasárgada e ficava comigo, as minhas noites, porque se não...se ela ficasse, já teria sofrido muito, já teria morrido a muito tempo. Assim chegou a um extremo tão grande, porque por diversas vezes eu avisei a minha irmã, porque eu ia buscar, eu conheço e então você vai percebendo e chegou a tal ponto que ela chegou a ir três vezes pro pronto socorro, por semana desidratada, desidratada, aí tomava soro, melhorava, tomava soro melhorava, começou a inchar a perna, né...aí numa madrugada eu liguei pra minha irmã e eu falei:

-Rosana eu gostaria que você viesse aqui, viesse na minha casa.

Aí quando ela chegou eu falei assim: não tem mais o que você fazer, porque...ou ela aceitava ou eu ia matá-la né...

- Aí eu falei assim: ou vai resolver de vez e aí ela não teve como sair fora, entendeu...Aí a gente combinou que ela fica metade da semana com uma e metade da semana com a outra e com cuidadores, porque a minha irmã ela é muito boa pra passear, ela é muito boa pra viajar, ela é muito boa pra se divertir, mas ela não pode nem levantar a minha mãe, entendeu...Então assim ela não pode fazer absolutamente nada, então ela precisa de cuidadores. Então no caso ela fica com cuidadores e a minha irmã não precisa por a mão na massa, mas sai de casa que é mais por obrigação, que o fato da minha mãe, os meus pais deixaram vários bens, mas que são da minha mãe ainda e ela não faz mais do que a obrigação dela e hoje ela está assim, ela está com cuidadores até do Pasárgada que é a Gisele e a Débora que são muito boas e tem mais uma que é do Misamis que a minha mãe gostava que é a Tuti e a gente vai indo assim e hoje ela está melhor, só que o dano que foi feito nesse em alvo disso, dificilmente vai reverter, que hoje ela fica em cadeira de rodas, a minha mãe andava correndo aqui neste corredor, dançava, isso a poucos meses atrás e isso ninguém paga, né... porque ou você mata, ou você engole e fica com problema de estômago, é muito triste, são as mesmas cuidadoras que ficam na minha casa, mas assim comigo, mas comigo ela fica de final de semana, se está domingo comigo, eu acompanho mais de perto, porque eu morava em outro bairro e eu vim morar mais aqui no centro exatamente pra poder trabalhar, então eu fico indo e voltando...é diferente, é bem diferente assim...a acolhida, no caso do Centro dia da

Vanessa eu só tenho que agradecer.

Entrevista: P3

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Marina é a minha tia, atualmente ela é a única irmã viva do pai, sempre fomos muito próximas e como ela era solteira e nunca teve filhos, então nessa fase da terceira idade isso se intensificou a nossa relação. Nós somos só duas sobrinhas, o meu pai já é falecido desde 94 e as duas sobrinhas (eu e minha irmã), minha irmã hoje mora em Niterói, então acabei eu ficando a familiar próxima, aqui em São Paulo. A gente morava próxima geograficamente, porque eu moro aqui na Vila Mariana, aqui pertinho e ela morava no Planalto Paulista até o início desse ano. Então desde o falecimento da minha avó que morreu com 101 anos e foi cuidada pela tia Marina em casa até o final, desde o falecimento dela passei a ser única pessoa que frequentava a casa, a única pessoa da família que ela frequentava a casa também, então é isso, eu sou a família dela, essa é a nossa convivência. Ela até meados de 2013, ela ainda trabalhava, apesar de estar aposentada, ela era professora na USP e trabalhava lá no Centro de Microscopia Eletrônica da Física e aí ela já estava aposentada compulsoriamente, mas ela vinha apresentando projetos pra continuar lá engajada com o laboratório e tudo... e ela fez isso até início de 2013, mas aí ela começou a sentir alguns primeiros problemas de memória, de lidar com o trabalho e tudo isso e até o afastamento definitivo dela do laboratório, então a gente se aproximou mais ainda, porque daí ela passou a ter os finais de semana completamente livres e agente sempre saía juntas, ela começou a me dar aula de francês, então eu ia sempre estava todos os finais de semana com ela, de alguma forma a gente estava passeando em exposição ao teatro, então essa era a nossa vida assim, sobrinha e tia então era essa a nossa convivência principalmente nos finais de semana, porque tento eu, quanto ela, trabalhávamos durante a semana. Então é isso.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Eu acho que foi muito benéfica, a gente fez essa...primeiro antes daqui a gente frequentava um outro centro dia, justamente como ela tinha um problema cognitivo, ela é acometida de Mal de Alzheimer, então a demência em pouco tempo ela foi ganhando corpo, foi se intensificando, principalmente a perda cognitiva e nos primeiros sintomas assim, de mudança de comportamento, de depressão e tudo isso, ela queria, ela aceitava, quando ela começou com transtorno de memória(CDP3/P2-1), a gente conversou sobre

o que ía fazer, já que éramos eu e ela praticamente, que medidas tomar e tudo, ela me pediu enquanto fosse possível, viável que ela ficasse na casa dela mesmo, e eu falei:

- Você não pode mais morar sozinha, a gente tem que colocar cuidadoras com você, e ela falou: (Sobrinha)

- Não tudo bem! A gente vai vendo isso, mas eu queria que fosse gradual. (Marina)

Só que como os médicos proibiram de dirigir, aí ela tinha que ir lá com a cuidadora, por exemplo, para trabalhar, porque ninguém pediu para ela se afastar, inclusive no departamento eram poucas pessoas, lá. O chefe dela queria que ela continuasse, o quanto ela quisesse, enquanto ela se sentisse à vontade, é lógico, guardadas as seguintes responsabilidades, porque já não estavam passando nenhum trabalho de importância que ela pudesse ocorrer algum erro científico, então ela estava fazendo um serviço mais colaborativo e aí mesmo assim é complicado, o carro, por ter tirado o carro, ela não aceitou e aí por vergonha, constrangimento eu não sei, depressão, uma série de fatores, ela não aceitava mais ir trabalhar, acompanhada e tudo mais, não aceitava(CDP3/P2-2) e se colocou em casa, 24 horas por dia, era muito difícil convencê-la até a ir ao supermercado fazer uma compra e tudo. Ela tinha que caminhar, tinha que fazer uma série de coisas por prescrição médica e tudo, mas havia um movimento de resistência, parte pela depressão(CDP3/P2-4) e mudança de atividade bruta e parte pela própria doença, que também causa esses problemas comportamentais e tudo e aí eu pesquisando sobre a doença e tudo mais conheci a Abraz, dos portadores de Alzheimer e aí fui no congresso da Abraz naquele ano. Na entrada do congresso tinha uma espécie de feirinha assim, com vários anunciantes, patrocinadores e tal mostrando serviços, tinha desde de rastreador pra colocar na roupa da pessoa, fralda geriátrica e o Centro dia Vitália, naquela ocasião, aí eu conheci a Fabiana do Centro Dia que era a responsável comercial e aí eu nunca tinha ouvido falar de Centro Dia. Então eu peguei aquele prospecto e ela começou a me explicar, qual era o propósito, pra que servia o Centro Dia e aquilo foi abrindo uma luz, olha é um lugar onde minha tia pode ir, fazer terapia ocupacional, exercícios cognitivos ter um apoio de saúde, sociabilizar é tudo o que ela precisa e aí dentro das nossas possibilidades financeiras, ela começou a ir duas vezes por semana, era muito perto da casa dela, ficava a menos de 1 km de distância. Ela não teve nenhuma resistência a ir e o mais interessante é que quando... eu chamei antes eu e minha irmã conversando em uma entrevista, com o Claudio, um gerontólogo, ele foi lá na casa dela e tudo o que ele propunha, ela não aceitava, muito educadamente ela respondia assim:

- Ah! Que interessante! É mais não, por enquanto não! (Marina)

- O que a senhora quer fazer? Vamos abrir um site, vamos fazer não sei o que? (Claudio).

Porque ela se interessava por computador. (Marília)

- Interessante! Por enquanto não! Obrigada! (Marina)

- A senhora gosta de dançar? Vamos fazer tal atividade? (Claudio)

- É interessante! Deve ser muito interessante, por hora não! Obrigada!

E Ela foi super retraída a tudo! Então eu falei: poxa vida não vai dar certo, mas quando eu conheci o Vitália e aí a proposta deles era mais voltada pra uma coisa de saúde e ela trabalhou a vida inteira em laboratório, ela era filha de médico, então o jaleco pra ela era maravilhoso, ela se identificava com aquilo e a proposta deles era bem essa, por conta deles, do uniforme deles era isso e aí foi interessante, porque eu fui lá conhecer antes, fiz entrevista com a psicóloga, com a gerontóloga e tudo mais, com a terapeuta ocupacional e aí uma dia fui eu, a cuidadora e ela pra gente experimentar, ela ia passar algumas horas lá, ela ia passar por uma entrevista com a psicóloga pra avaliar o grau de comprometimento cognitivo, que tipo de atividades que iam propor e aí eu fiquei super surpresa, porque quando a gente entrou eles estavam começando a atividade de dança sênior e aí eu subi pra conversar questões de contrato e tudo mais, quando eu desci ela estava em plena atividade, super engajada, cantando, dançando, participando (CDP3/P2-1) e aí eu falei: quem é essa pessoa? Quem é essa pessoa, entendeu? Que só se comportava dessa forma quando nós éramos pequenas e estavam brincando com ela, então eu fiquei super feliz e falei:

- Gente! Eu achei o caminho! É isso vai dar super certo! E realmente deu super certo, ela se sentia super à vontade, acolhida, em pouco tempo, a gente fez uma adaptação que a cuidadora ficava com ela, por todo o período que ela ficava lá até ela ganhar confiança dos outros profissionais e tudo, mas ela foi super bem acolhida, deu tudo muito certo. Aí infelizmente cerca de um ano e meio depois, eles fecharam e aí eu comecei a procurar outros lugares, acabei conhecendo aqui o Pasárgada, que é perto da minha casa e não da dela, mas eu gostei muito da proposta da Vanessa, conheci outros lugares e tudo, mas achei que aqui dava pra dar continuidade, aquela proposta de terapia realmente, da questão toda cognitiva é importante, o projeto pessoal com os idosos e a convivência(CDP3/P2-2), alguns dos colegas dela vieram pra cá também, então isso ajudava nessa adaptação novamente. Então eu vim pra cá e da mesma forma, sentimos acolhidos, deu tudo certo(CDP3/P2-5) e tal e infelizmente a doença está evoluindo,

então está tendo perdas cognitivas maiores, está tendo perdas totalmente de saúde de um modo geral e eu tenho sido muito bem amparada, pela equipe, pelo menos no que diz respeito as horas que ela fica aqui, o quadro todo dela, então eu acho importante para o familiar esse apoio de uma equipe profissional que está acompanhando o dia a dia até, porque eu não moro com ela, nunca morei, foi um pedido dela, porque eu já sou casada e tudo mais, então a gente viu que seria uma coisa muito complicada e traumática tanto pra ela, quanto para o meu marido principalmente, nós mudarmos pra casa dela, seria uma invasão de uma certa forma do espaço, da rotina dela, da liberdade dela, da individualidade, da intimidade e também de outra forma não tinha cabimento ela vir pra nossa casa, então eu sempre contratei cuidadoras enquanto ela morou na casa dela pra ficar 24 horas por dia, inclusive nos finais de semana e eu continuei tendo aquela convivência nos finais de semana que era o que a gente tinha antes quando ela estava bem e continuamos mantendo aquele relacionamento e aí é lógico tem uma consulta no médico eu estou junto, me chamam aqui pra alguma coisa eu estou aqui, então não tem problema nenhum, sempre que é possível a gente tenta se aproximar das atividades dela, mas é que não dá né, a gente tem uma vida independente uma da outra, pra mim o Centro dia me ajudou muito nesse aspecto, porque não é só a impressão que eu tenho da cuidadora X ou Y a do final de semana, porque pra elas sempre está tudo bem e não sei o que, elas focam mais em me passar alguma coisa de mudança de comportamento muito brusca ou de saúde, hoje ela estava com a pressão baixa ou com a pressão alta, ela estava não sei o que, hoje ela urinou mais ou menos, elas focam mais nesta questão fisiológica, mais por outro lado como aqui tem o acompanhamento de gerontólogo, terapeuta ocupacional, profissionais de saúde também, eu acho que me dá mais um respaldo maior pra saber o que está dando certo(CDP3/P2-3) o que não está e pra ela eu acho que o principal benefício é a socialização, principalmente nessa fase que ela está entrando agora, que está ficando mais avançada, está entrando em uma fase mais grave, eu acho que ela tem aproveitado cada vez menos as atividades, eu acho que positivo ainda está na convivência com outras pessoas que é nisso que o Centro dia tem sido bem benéfico pra gente até agora. (CDP3/P2-4)

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Então é o que eu te falei, foi bom contar com outras pessoas pra dividir isso, ainda mais, porque eu sou a única pessoa da família, é lógico que eu divido isso com a minha irmã até porque eu tenho a questão jurídica que eu sou a curadora da minha tia também e teve que estar em comum acordo com a minha irmã isso e a princípio o meu tio mais velho

era contra foi um pouco complicado dentro da família isso aí, mais resolvidas essas questões jurídicas eu passei a ter o dobro de responsabilidade. A responsabilidade jurídica, a responsabilidade pela saúde, a responsabilidade pelo bem estar, a gente tem a sensação estranha que paira na nossa cabeça uma espada....(Choro) olha qualquer coisa você é acusada de abandono, qualquer coisa você é acusada de maus tratos e as pessoas de fora não entendem nada do que está acontecendo, ninguém está importando com todos esses fatores emocionais, psicológicos, sociais, todas essas implicações que tem que cuidar do idoso, ninguém vê. Então é muito difícil passar por isso sozinha, no meu caso e no fim das contas você começa a frequentar grupos de apoio e tudo mais, você começa a perceber que acontece com quase todas as famílias, porque é sempre uma pessoa que assume, mesmo tendo dez filhos, a idosa vai ficar sob a responsabilidade geralmente de uma filha. Eu acredito que a sua estatística deva ser essa.... (risos).

Inclusive no começo quando a tia Marina veio pra cá, para o Pasárgada, a Vanessa me deu muito apoio, nessa questão jurídica também, porque estava um imbróglio o processo de curatela(CDP3/P3-1), pelo fato do meu tio ter sido contra, então o Ministério Público resolveu realmente no nosso caso passar pente fino, se você olhar a prestação de contas que eu tenho que fazer, mas eu nunca vi coisa igual, porque eu já vi outras prestações de contas, o que esse juiz exigiu de mim, desde a primeira vez é fora do normal, de papel de pão, sabe de comprovante de pão, é desgastante, é demais!

Eu sinto que estou fazendo alguma coisa boa pra tia, eu sinto que estou fazendo ao máximo, o maior tempo que eu puder uma coisa que é benéfica pra ela, porque foi o consenso entre os médicos, eu e ela é que a gente ganhasse tempo, desde que a gente teve o diagnóstico, então vamos tentar ganhar o maior tempo possível, vamos tentar que você o maior tempo possível consiga ir trabalhar. A gente vai tentando esticar o tempo, a qualidade de vida o máximo possível e eu acho que o Centro dia é isso é uma das armas que a gente tem e pra mim assim foi um achado, é isso.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Eu acho que as minhas expectativas estão bem (risos) resolvidas aqui no centro Dia tem tido esse respaldo todo, não sei se...talvez se eu fosse mais próxima participasse um pouco mais das atividades coletivas, assim de grupo e tudo mais, talvez eu pudesse até almejar outras coisas e sugerir outras coisas, eu sou um pouco, uma usuária distante assim, né, mais de perturbar, qualquer coisa ver o *Whatsapp*. Eu acho que as atividades todas são muito legais assim, eu acho que talvez falte um pouco isso, não sei se é em todo Centro dia isso, ou se é aqui, que a gente pudesse aprender um pouco mais no

Centro Dia, sei lá se promovessem palestras para os familiares, sabe pra gente dar continuidade ao que é feito aqui, dar continuidade em casa, eu sinto muita diferença no que ocorre aqui, (CDP3/P4-1) no que me reportam da tia Marina aqui, por exemplo. Até pouco tempo atrás a Vanessa falava assim pra mim:

- Não é porque a Marina participa muito disso, daquilo, ela é assim é assado não sei o que!

Aí eu falava:

- Aqui? Em casa é totalmente diferente o comportamento dela.

Então até que ponto, não é que você desconfie que é mentira, não é isso! Mas até que ponto você consegue ter essa percepção, então eu acho que falta para o familiar entender melhor e como eu consigo esse resultado em casa que ela apresenta, então eu sinto um pouco de falta disso, isso eu realmente eu almejava que fosse talvez um pouco mais intenso ou mais claro, porque apesar de vocês serem os profissionais e tal, os gerontólogos e tudo mais, a gente é a família e justamente porque a gente acredita nos serviços de vocês, no trabalho de vocês, ninguém vai tirar o trabalho de vocês é o mérito é ao contrário, a gente quer dar mais disso, que tenha aqui que a gente sabe que é benéfico, que a gente sabe como ela voltava daqui, feliz, com energia, bem de ter ficado algumas horas entretida, produtiva de alguma forma. (CDP3/P4-1) Como eu continuo isso em casa?

Porque só com o cuidador é difícil, mais também a gente não sabe como orientar, então às vezes a Vanessa falava, assim:

-Tenta fazer leitura de jornal dirigida e não sei o que. Eu tentava, mas eu dava com os burros d'água, porque provavelmente eu não sabia, eu estava fazendo errado. Então eu acho que a gente precisa um pouquinho desse treinamento, dessa orientação e aí fazer uns workshops, por exemplo, seria ótimo pra gente testar as coisas em casa, porque a gente fica muito no empírico, na tentativa e erro, a gente não tem esse conhecimento que vocês tem, nós somos completamente leigos, imagina eu sou arquiteta, não entendo bulhufas de saúde e de processos cognitivos e tudo isso, então eu me interesso, quero ler e tudo mais, mais é uma coisa diferente, de repente fala, olha tal coisa ajuda, o exercício ajuda, a gente faz tais e tais jogos e não sei o quê, tentar fazer isso em casa, porque juro todas as dicas que a Vanessa me deu, eu tentei fazer, eu comprei jogo de palavra cruzada, eu comprei quebra cabeça, a gente tentava fazer brincadeiras, resgatar músicas de infância, ía a concerto, ouvi tal música durante o dia e a noite, tentava tudo, algumas coisas davam certo e eram proveitosas e a gente sente que quando a gente está fazendo

uma atividade dessa com o idoso, a gente sente tão feliz, quando a gente percebe que a pessoa está feliz, é tão gostoso isso.

Entrevista: 4

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Eu morava sozinha, sozinha não, eu tinha o apartamento que dividia com a minha irmã aí quando o meu irmão faleceu, não sei se você sabe que para o japonês, o filho homem o mais velho, fica com a família. Então nós estamos em 1 irmão e 3 irmãs, então eu sou a mais velha, aí como ele faleceu eu tive que mudar para cá, então eu tenho 2 casas, que na verdade eu fico mais aqui na casa dela, então foi essa a minha situação. Agora a minha relação com a minha mãe é muito difícil (CDB4/P1-1), a gente está compreendendo agora...porque a demência, memória e como eu me aposentei então piorou, eu morava mais de trinta anos sozinha, depois vim pra cá, é assim...tirou um pouquinho da minha liberdade, um pouquinho não quase total, né. Aí eu me aposentei faz quase três anos, eu acho que piorou, você entendeu! A convivência com o idoso é muito difícil. Ela vai todos os dias no Centro Dia e melhorou muito. Assim porque a vida.... o meu irmão faleceu, a minha cunhada foi embora então eu moro aqui com a minha mãe e dois adolescentes e dois adolescentes já não... , uma casou são três filhos dele do meu irmão. Então essa casa é muito grande, então fica eu e mais dois filhos solteiros, minha cunhada foi embora certo, então assim ela já estava atrapalhando pra eles, eu não sei como é lidar com velho, mas é difícil, ela trabalhou muito com a minha mãe, aí pegou e parou tudo de uma vez, a atividade, ela tinha muita atividade fora, ela frequentava as associações de mães japonesas e grupos de ginástica fora, então foi muito difícil ela para tudo de uma vez e ela quebrou o fêmur e a mobilidade ficou bem complicada, com a morte do meu irmão há seis anos, ela tinha 78, aí no ano seguinte ela quebrou o fêmur... é como se perdesse parte, a cabeça ficou muito ruim eu acho que com a morte dele, então ficou muito difícil a convivência, mesmo com as crianças, eu falo crianças, mas já são grandes, aí eu tive que tirar ela daqui, aí esse Centro dia apareceu, eu procurava instituição, nunca gostei de nenhum, ela também não...aí esse Centro dia foi uma maravilha, me caiu do céu.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Foi muito boa, assim até os parentes mais próximos comentavam assim:

- Nossa sua mãe melhorou muito!

Com a morte do meu irmão mexeu muito com a cabeça dela, eu acho... ela ficava muito tempo com ele, a casa era dele, na verdade a casa é dela, mas ficou tudo para ele, então a perda pra ela foi muito dolorida e foi muito rápida. Foi um câncer que durou dois meses é que foi tudo fora da ordem né... e lógico que na nossa cabeça o velho vai antes que o mais jovem e a cabeça dela piorou muito, muito e aí com a queda piorou, ela fazia caminhada na rua, ela ia para as apresentações sozinha, para a ginástica de rua, então tudo mudou de uma hora para outra, tudo mudou e ela ficou muito mau e nessa mobilidade que mudou muito a vida dela.

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Agora ela está feliz (CDB4/P3-1), ela está em um lugar...porque aqui todo mundo perde a paciência. Eu acho que a paciência com o idoso é igual a paciência com criança, só que a criança ela não raciocina tudo o que você fala, então é fácil, agora o idoso não, a minha mãe guarda muito, a memória dela é boa ela guarda muitas coisas assim que magoa e não tem jeito... é tudo, é chuveiro ligado... é molhado, então qualquer coisinha, então é difícil a convivência. (CDB4/P3-1)

Então eu posso ir para a academia, eu tinha amigas de jogar baralho, eu posso marcar alguma coisa pra sair, pra mim ficou um alívio. (CDB4/P3-2)

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Nossa! Que dê certo. Eu adoro o local, eu até estava comentando com o dono (Marcinho) que deveria aumentar e fazer quatinhos ou apartamentos, uma associação se não vai embora que nem eu tenho o grupo de baralho na segunda-feira e ter na quinta, outro na sexta-feira, até na segunda-feira é um grupo muito velho eles são mais velhos eu sou a mais jovem, a mais velha tem 84, a idade da minha mãe, então é uma belezinha ela jogar e isso ajuda muito o raciocínio e eu falei no Centro dia que eles precisam abrir agora apartamentos, fazer tipo um hotel, elas vivem, com a mesma cozinha e moram em apartamentos. Eu acho assim a minha mãe ela não teve muita instrução, então é mais difícil você se virar, você pegar um ônibus ou mesmo um uber e a mobilidade dela e fechou tudo e pra nós é mais fácil, porque você já pega um uber, já vai para o aeroporto, só que a gente também vai ficar velho e vai ficar mais difícil, cada um na sua casa, uma casa grande, eu já estava até comentando que eu estava procurando um lugar assim pra mim, assim, porque eu não tenho filhos eu acho que obrigação de filho também não é tomar conta.

Ela volta muito feliz, o centro dia valoriza muito a pessoa. (CDB4/P4-1)

Entrevista: 5

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Olha! Ela é uma pessoa positiva, ela procura se esforçar sempre pra melhorar e ela fala isso, eu acho que ela tem um jeito de ver a vida muito interessante, muito dela, muito peculiar dela e embora ela seja uma pessoa assim pela própria idade, ela tem alguns medos, medo, por exemplo, assim...ela gosta, ela quer sempre agradar as pessoas, ela quer sempre estar bem, vamos dizer assim, ela é uma pessoa vaidosa, mas ela fala coisas, muitas vezes ela me surpreende pela boa cabeça que ela tem, sabe! De vez em quando é claro que tem aquelas coisas que são comuns de pessoa da idade dela, então algumas coisas a gente tem que repetir todos os dias que ela esquece, então às vezes a gente tem que falar mais de uma vez sobre a mesma coisa, mais eu acredito que isso tudo seja normal na fase que ela está vivendo.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Olha! Foi maravilhosa, porque eu percebi que ela chega sempre...ela é uma pessoa pra cima, mas ela chega mais animada, ela chega leve, ela faz coisas que antes ela não fazia (CDP5/P2-1) ou que durante a vida ela não fez como pintar, como fazer alguns trabalhos manuais que nunca foi muito o perfil dela, ela sempre preferiu...ela trabalhava fora, então ela tinha o perfil mais voltado para o trabalho, diferente, mas então ela tem feito coisas interessantes e que dá prazer a ela (CDP5/P2-2). Ela convive muito com pessoas da mesma faixa de idade, ela percebe as diferenças e ela então também se percebe, eu acho interessante, eu acho que a convivência no Centro dia ela traz um astral muito bom e recupera, eu acho algumas habilidades, sabe! (CDP5/P2-3) Ela trabalhava no correio.

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Eu acho muito bom, porque enquanto ela está lá, eu sinto que ela está assistida, ela está bem(CDP5/P3-1), então tenho um tempo...agora eu estou afastada do meu trabalho, porque eu tive um problema de saúde, em março eu fiz uma cirurgia de tórax, então eu me sinto livre para poder, usar esse tempo, sair, andar, enfim olhar pra mim enquanto ela está bem assistida lá. (CDP5/P3-2)

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Olha! A minha expectativa é que ela seja...que ela desfrute das coisas que eles proporcionam e por outro lado que ela não se sinta obrigada a fazer coisas que ela não goste muito. Então é um lugar legal pra ela se experimentar, conversar, conviver,

(CDP5/P4-1) poder perceber outras pessoas tenha as mesmas limitações que ela tem. Então ela entender que ela está vivendo uma fase de vida diferente, mas que isso é inerente a vida e que ela seja querida, bem tratada. A minha expectativa é que eles tenham carinho e eu sinto que existe esse carinho lá, porque eu acho que isso supre muito a todo mundo e principalmente a pessoa de idade.

Entrevista: P6

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

A gente sempre conviveu... porque ela sempre morou na mesma casa que a gente, então eu fui criada por ela, pela minha mãe e pelo meu pai desde sempre e ela viajava de vez em quando pra ficar na casa do meu tio que é irmão da minha mãe, no Mato Grosso do Sul, mas era mais em férias, assim então ela esteve mais com a gente mesmo, as coisas dela ficam com a gente, armário, gavetinha é tudo com a gente. Então eu fui criada por ela e aí nos últimos tempos ela parou de ir pra lá. Ela sempre foi muito ativa em casa, de cozinhar, de fazer feira sozinha e nos últimos tempos...alguns anos atrás ela foi parando de fazer isso, ela caiu uma vez em uma dessas saídas e aí ficou com receio, aí caiu a segunda, aí ela parou mesmo e aí a convivência não foi mais tanta de independência de cada um, mas a partir desse momento que ela caiu, ela teve que até fazer uma cirurgia no olho, porque a pele caiu em cima do olho e ela ficou com bastante receio e aí ela começou assim... a ficar mais dependente de algumas coisas, parou de cozinhar, parou de fazer compra sozinha foi esquecendo de várias coisas(CDP6/P1-1), até pra ir ao mercado ela também ia sozinha, então foi ficando mais dependente, a gente tentando ajudar ao máximo assim, mas aí foi indo aos poucos de às vezes, ela até ela esquecer de comer, apesar de ela adorar ou às vezes esquecer que até que ela comeu e comer bem mais de uma vez (risos), até ir pra farmácia assim, às vezes ela não quer sair, então foi ficando mais difícil também. Atualmente ela gosta de sair pra comer, falou de comer ela vai (risos) e viajar também, adora viajar, às vezes ela fica com preguiça... ou por preguiça mesmo ou eu acho por receio de dar trabalho né...porque vai ficando cada vez mais dependente e a gente sempre com um ritmo mais intenso de trabalho. Então depois de um tempo...eu morei dois anos no litoral e ela ainda não estava tanto nesse processo de ser mais dependente, ela por exemplo, cozinhas sozinha e aí quando eu voltei ela começou a ficar com umas dores que apesar de ela não sair mais, ela ainda cozinhas por exemplo um macarrãozinho pra ela ou lembrava de lavar as roupas e aí quando eu

voltei, logo depois estava começando a ficar com dor na lombar até que chegou o momento que ela não conseguia levantar da cama sozinha e foi numa época que a gente tinha começado a dar remédio para o Alzheimer, que ela comentou eu tenho vários efeitos colaterais e tudo mais...até que ela teve essa dor e não conseguia levantar e eu já estava aqui e ela já não conseguia tomar banho direito sozinha tinha muita dor e ela começou a ter vários sintomas mesmo, acho que do remédio, aí a gente resolveu parar, foi atrás de tratar de até entender o que era, que até então, porque ela não tinha tido nada de osteoporose nos exames e tudo mais e aí eu vi que ela estava bem desanimadinha assim talvez por ter perdido um pouco dessa independência. Até que a gente foi pesquisando, a gente achou que existiam os Centros dias que a gente não sabia que existiam os Centros dias e falamos:

- Nossa! Vamos testar, né?

Será que ela vai se dar bem com as pessoas?

Porque a gente não quis colocar numa casa de idoso. Precisava de alguém acompanhar mesmo. Eu estava morando em outra cidade, minha mãe e minha irmã que somos nós três, trabalhando cada vez mais, então ela foi ficando cada vez mais sozinha, porque eu sempre trabalhei *freelance*, então eu tinha alguns dias que eu ficava antes de eu me mudar e aí eu acho que ela foi se vendo um pouco sozinha até que a gente achou o Centro dia, a gente colocou num Centro dia não sei se no início era uma vez por semana e junto com isso foi tratamento, mas eu nem sei se exatamente foi o tratamento, mas ela melhorou a dor dela totalmente, só com remédio para osteoporose mesmo, mas foi coisa de uma semana depois que ela entrou no Centro dia ela melhorou (CDP6/P1-1) e aí eu vi e falei:

- Não é só a osteoporose sabe?

Tinha alguma coisa a mais que ela precisava mudar e aí no começo, a gente estava até com receio de: aí eu não sei se ela vai achar... de ir, fazer a atividade, de se vai se dar bem com as pessoas, eu acho que igual que coloca o filho na escola. Eu que levei ela no primeiro dia eu fiquei assim, eu não quero ir embora, eu quero ficar aqui pra eu ver (risos), mas ela já tinha se dado super bem estava se interagindo lá até esqueceu de mim e eu falei:

- Poxa, então tá eu vou embora!

Mas aí foi super bom, porque ela já estava em uma fase de esquecer bastante de algumas coisas. Ela ainda esquece hoje em dia, esquece qual é o dia que ela vem no Centro dia, ela não sabe, que nem eu falei esquece que comeu ou esquece que já comeu

e quer comer de novo, esquece de lavar as roupas que era uma coisa que era normal pra ela antes, então a gente sempre tem que lembrar:

- Olha vamos lavar! Vai ao banheiro, não esquece de ir ao banheiro!

Essas coisas do cotidiano, de escovar os dentes, a gente sempre tem que lembrar:

- Escova os dentes! Vai ao banheiro!

Ela faz tudo sozinha, mas sempre tem que lembrar, mesmo as coisas cotidianas sempre tem que lembrar, mas o que a gente percebeu depois que ela começou a vir para o Centro dia é o raciocínio dela, ela esquece das coisas do cotidiano, mas assistindo coisas assim na TV ou lendo que eu falo assim:

- Nossa! Da onde que surgiu esse pensamento ela questiona algumas coisas sabe:

- Nossa! O que está acontecendo, porque é isso ou aquilo. (Avó)

Então hoje em dia ela está bem dependente, no sentido das coisas cotidianas, de sair, não sai mais sozinha, graças a Deus toma banho por conta dela, mas o raciocínio ainda tem muita clareza, da mente dela, se você conversar tem muita clareza e de saúde são só coisas normais mesmo de se ter na idade dela, mas ela está muito bem assim. A gente achou que quando ela ficou com muita dor, eu falei assim:

- Nossa! Eu acho que daqui vai ser daí pra baixo, mas não!

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Pra mim foi um alívio em vários sentidos assim, primeiro porque eu vi a melhora dela de repente assim, de uma semana pra outra eu vi o quanto isso foi bom pra ela e foi um alívio até para as nossas atividades (CDP6/P2-1), porque eu mesmo sendo *freelance*, às vezes você vai buscar algumas coisas e eu ficava um pouco assim, poxa eu podia estar mais ela ou fazendo alguma coisa com ela e não deixando ela na TV, por exemplo, mas também tenho as minhas tarefas e aí quando ela começou a frequentar o Centro dia que a gente viu e às vezes tem as coisas de fim de semana de tudo o que ela faz assim, eu fiquei super aliviada dela até poder redescobrir algumas coisas que ela não fazia mais. (CDP6/P2-2) Então foi um alívio nos dois sentidos eu me sentia aliviada por ela de não estar sentindo sem nada pra fazer, sabe! Só esperando ou recebendo alguma coisa da TV, sem atividade mesmo. Eu acho que é muito ruim ficar sem atividade, sem alguém pra conversar, várias companhias, porque querendo ou não a gente tá, mas não é aquela coisa cotidiana e aí a gente via também o nosso lado de....porque eu ficava com um super peso de poxa eu tenho algumas coisas pra fazer, mas eu também não queria deixar sozinha e aí agora eu até voltei na verdade a morar no litoral, porque antes eu não queria voltar, eu queria estar junto, pelo menos acompanhando assim um pouquinho,

pelo menos até o processo dela melhorar mesmo assim.

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Eu fico tranquila, porque a gente tem um cotidiano e ela também tem, sabe! (CDP6/P3-

1) É bom saber que ela tem um cotidiano, mesmo que ela não lembre que tais dias ela tem atividade, mas aí ela tem um cotidiano.

- Ai hoje eu vou acordar, vou me preparar pra ir pra lá e depois vou voltar jantar e tudo mais, antes eu acho que ela ficava meio perdida, mesmo.

Eu acho que isso dá mais tranquilidade pra gente também ter o nosso cotidiano.

(CDP6/P3-2) Eu fico feliz por ela na verdade, às vezes que ela volta. Nossa! No começo eu via nitidamente a fisionomia dela assim, totalmente diferente de coisas novas que ela tinha feito e agora eu fico super tranquila, assim. Eu até comento com algumas pessoas e todo mundo acha:

-Nossa! Que legal eu não sabia que existia essa possibilidade. Que podia até existir mais.

Mais eu fico muito tranquila de saber que ela está fazendo atividades com pessoas que acompanham(CDP6/P2-2) e que um estudo mesmo disso. Aqui por exemplo, eu já conversei com a Vanessa e ela fala:

- Não! Aqui a gente observa qual é o perfil de cada um. Então tem gente que gosta de ler mais ou tem gente que prefere atividade mais lúdica e é uma coisa que até a gente vai descobrindo e ela também vai descobrindo, porque, por exemplo, ela não cantava mais que ela tinha vergonha e agora às vezes a gente tem estas surpresas de estar passeando, a primeira vez que a gente estava passeando e ouvi ela cantando(CDP6/P3-3), eu falei:

- Nossa! Cantando! Deixa! Deixa! Deixa! Que eu quero ouvir que isso é raro!

- Nossa eu fico super feliz assim!

Eu sempre acompanho as fotos e vídeos que tem daqui, que eu falo:

- Olha o que ela está fazendo! Que legal!

Sorrindo nas fotos, convivendo mesmo com outras pessoas, mais ou menos ali da idade.

(CDP6/P3-4) É que nem a gente quando encontra alguém que passa por algum tipo de situação e fala:

-Nossa que legal né!

Eu acho que é gostoso ver ela compartilhando assim, as mesmas situações.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Eu acho que não tenho uma expectativa a mais assim...eu acho que as expectativas que eu tinha foi quando a gente resolveu, vamos colocar ela no centro dia, já foram sanadas.

Eu queria realmente alguém que acolhesse e ela se sentisse a vontade e explorasse mesmo, coisas que ao longo do tempo a gente vai deixando de fazer...

Não eu acho que é o que traz assim de ter a tranquilidade que ela está em um lugar que ela gosta de estar, que ela se diverte, que ela descobre e de trazer também esta tranquilidade pra gente de ela estar ali mesmo em interação com as pessoas, sem necessariamente a gente estar junto, de ser totalmente dependente(CDP6/P4-1) nossa assim.

Entrevista: P7

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Olha na verdade eu trabalho o dia inteiro, então os dias que ela vem aqui ela fica o dia inteiro e ela volta pra casa, ela toma banho, aí a gente conversa um pouquinho, ela assisti televisão e vai dormir. Os dias que ela não vem aqui tem uma pessoa que cuida dela que fica o dia inteiro em casa e até dorme em casa nesses dias, porque como... quando ela vem trabalhar em casa se ela não dormisse tinha que ir embora quatro horas da tarde e a minha mãe ia ficar muito tempo sozinha, então pra não deixar ela muito tempo sozinha, então ela já dorme em casa, eu chego umas oito horas, ela já jantou, porque a moça já deu a comida pra ela, aí logo depois ela já tomou banho e logo depois ela já vai dormir. Então no final de semana eu convivo com ela mais um pouco assim, às vezes ela vai ao mercado comigo, quando eu saio e até às vezes ela consegue ficar um pouco sozinha que como ela está acostumada com o ambiente, então ela não tem problema de ficar sozinha, só que não por muito tempo, porque se não ela começa a ficar meio injuriada e ela começa a inventar coisas e aí eu não sei o que ela pode inventar, então eu tenho meio receio de deixar sozinha, então eu sempre fico preocupada. Sempre procuro não deixar ela muito tempo sozinha, mas é isso, ela fica assistindo televisão, aí ela vai fica no quintal, faz as coisinhas dela, mas é isso assim... o dia a dia normal e mesmo porque quando tem alguma coisa mesmo, às vezes vem a minha sobrinha, o meu sobrinho que não mora lá né, vem em casa, aí como é o ambiente meio diferente, ela fica meia perdida assim. Por exemplo, a minha sobrinha veio dormir, um final de semana em casa e a minha sobrinha ficou... ela tem dez anos, a

minha sobrinha ficou e eu tinha programado de sair, porque a noite ela dorme, então eu procuro não dormir fora de casa, porque se não ela fica sozinha e eu fico preocupada, mas assim de eu sair e voltar tarde, ela está dormindo e a minha sobrinha ficou dormindo em casa e eu saí e ficou ela e a minha mãe, a minha mãe não deixava ela dormir, porque ia lá acordar ela toda hora, achando que já era pra acordar, que horas que era, queria saber se já era pra levantar, se não era. Ela fica meio perdida assim, quando tem alguma coisa fora da rotina, mas só isso. No final de semana ou ela fica comigo ou ela vai no meu irmão, porque o meu irmão mora em Jundiaí, aí quando não está comigo ela está no meu irmão.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Então... na verdade eu comecei a perceber que ela tinha alguma coisa estranha, começou a ter alguma coisa estranha depois que o meu pai faleceu que faz já seis anos, até então porque o meu pai que ficava direto com ela, o meu pai que fazia tudo com ela, então pra mim as coisas que ela esquecia eram coisas de idade normal, depois que o meu pai faleceu aí eu comecei a perceber que tinha alguma coisa além do normal, aí eu levei ela no médico e tudo, aí os próprios médicos indicaram... primeiro que ela não tinha mais o meu pai se apoiar, então eu saía pra trabalhar e ela ficava sozinha o dia inteiro em casa. Aí pra ela não ficar sozinha o dia inteiro, aí eu comecei a procurar(CDB7/P2-1)... porque aí até então nessa época há seis anos atrás centro dia não era comum, não era comum... então assim era muito difícil achar um lugar, até encontrei um na época, só que era assim, um ano de espera, porque só entrava novas pessoas se alguém desistisse ou se alguém saísse ou se alguém falecesse e saísse da escola, porque não tinha, todo mundo queria estar lá, por conta de ter coisas pra fazer e tudo, ter atividade. Então assim aí eu comecei a procurar, aí eu encontrei uma escola que não era essa. Nossa! Agora me deu um branco e não me vem o nome da escola, mas era um outro que era muito parecido com essa escola, aí eu coloquei ela lá, só que como ela não estava acostumada ficar fora de casa que ela sempre foi.... sempre trabalhou em casa, então ela não tinha o costume de conviver com outras pessoas de ir para os lugares onde fazia atividade, então pra ela era muito estranho e ela ainda tinha mais consciência que hoje, então pra ela assim ela voltava pra casa e eu comecei a colocar meio período, pra ela ir se adaptando, aí ela voltava pra casa e falava assim:

- Ai! Eu não aguento isso! Parece que eu sou criança! Eu estou numa escola e tenho que ficar fazendo desenho! (Áurea)

E ficava meio que reclamando e aí ela:

- Ai eu vou ter que ir hoje de novo! (Áurea)

E ficava reclamando, só que aí depois que acostumou, ela começou a gostar de conviver com pessoas, de fazer atividade e aí pra também ela não ficar sozinha em casa. Então foi mais por isso assim, eu coloquei ela na escola pra não ficar sozinha em casa, porque eu fiquei com medo de ela ficar com depressão, porque ela ia ficar sozinha que todo mundo trabalha fica o dia inteiro fora, sai de manhã e volta a noite e ela não tinha atividade...quer dizer tinha atividades da casa, mas não tinha mais ninguém tipo ninguém pra conversar com ela (CDB7/P2-2)e o meu pai era muito companheiro dela, sempre estava com ele, ia no mercado com ele e saía para o banco ia com ele, ela sempre estava com ele, então eu achei que ela ia ficar muito introvertida, aí eu comecei a procurar aí eu achei essa escola e comecei a deixar meio período, no início ela reclamava, mas foi tipo os dois primeiros meses e aí depois ela acostumou e aí depois eu vi que ela começou a gostar e tudo e facilitava pra mim deixar ela o dia inteiro, porque eu aí já deixava ela de manhã e buscava, porque no final da tarde não dá tempo, porque eu trabalho no Morumbi e não dá tempo de pegar, mas aí tem uma pessoa que leva ela pra casa e aí assim, agora ela não vive sem, eu acho, se um dia eu precisar tirar ela da escola aí eu vou ter problema, aí eu vou ter por problema, mas foi por conta disso, pra ela poder conviver com outras pessoas pra não ficar isolada. Atualmente moro eu, minha mãe e um sobrinho que é maior de idade, tem 22 anos, como ele faz exercício e é mais perto e o meu irmão mora em Jundiaí, então fica longe pra ele ir e voltar, então ele mora em casa, mas é nós três eu, minha mãe e ele.

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Na verdade... ela é uma pessoa super comunicativa, então antes eu acho que ela era, por mais que ela fosse mais normal, assim digo da cabeça, ela era mais introvertida, agora eu não sei se a doença também ajuda, eu não sei se exatamente se isso tem haver, agora eu acho que ela é uma pessoa que conversa com todo mundo, ela quer conversar com as pessoas, às vezes eu saio com ela, por exemplo, vou no Ibirapuera eu tenho que ficar puxando ela, porque ela vai e quer conversar com as pessoas, ela quer conversar com todo mundo, quem cruzou, se tem uma criança com uma moça, ela vai lá vai mexer na criança, vai e fica conversando com a mãe da criança e por um tempinho eu espero né (risos), mas aí eu falo: mãe vamos! Aí eu tenho que puxar, eu vejo que ela está mais comunicativa assim, (CDB7/P3-1) ela conversa e às vezes eu tenho medo assim... por exemplo se ela está sozinha e começa a conversar com alguém estranho, então aí eu já fico meio com receio assim, mas ela está muito mais comunicativa que antes. Então é

porque eu coloquei ela muito desde o início, então eu não peguei a doença dela, eu convivendo sem ela ir para a escola, então assim... ela faz muita coisa errada assim, coisa errada assim, por exemplo, se todo dia de manhã eu não deixo a roupa separada limpa, ela usa a que estava no dia anterior, aí tem que ir lá tirar e trocar ela de roupa. Então é assim pra tomar banho, você tem que ir lá e falar: mãe vai tomar banho! E ela fala: eu já tomei. Não mãe, não tomou a senhora chegou da rua agora, não tomou! Aí você tem que ir lá e insistir pra ela tomar e são coisas assim repetitivas, sempre! São sempre as mesmas coisas que acontecem. Então ela janta aqui antes de ir embora, chega em casa ela fala que está com fome que não comeu, ela janta de novo, mas eu sei que ela comeu aqui, então eu dou um pouquinho aí ela sossega, mas assim não é fácil, não é fácil, porque as coisas são muito repetitivas e nem sempre você está de bom humor e por mais que você saiba que ela tem esse problema e ela é uma pessoa teimosa, então ela sempre foi teimosa, desde quando não tinha o Alzheimer, ela sempre foi teimosa, então às vezes você fica em dúvida se ela está fazendo as coisas, porque ela é teimosa ou se realmente é porque ela esquece, entendeu, então às vezes você fica meio em dúvida assim e às vezes, você não está de bom humor aí você fala: meu Deus do céu! Conta até dez, respira fundo, aí você fala: tá bom! Tá bom! Aí você vai lá, aí volta, aí meu Deus do céu eu preciso fazer um tratamento psicológico pra não sair da linha, porque é difícil, não é fácil. É que é assim a gente contando é engraçado, porque as pessoas não convivem né, mas quando você cove com a pessoa é todo dia, todo dia, tem horas que você fala assim aí gente e a doença vai piorar e vai piorar e eu sei que vai ter que manter a calma, porque se não, não dá, mas assim eu meio que consegui a me acostumar, às vezes a gente meio que perde a paciência, mas eu consegui me adaptar, no começo, logo que começou todo esse problema é porque foi tudo de uma vez assim, porque o meu pai sempre foi uma pessoa presente, sempre ele que fez tudo, sempre ele que fez tudo em casa. Então depois que o meu pai faleceu, aí eu descobri a doença da minha mãe e a falta do meu pai, então foi tudo de uma vez, então no começo até eu consegui me adaptar, eu sempre que morei com eles, então, por exemplo, supermercado era o meu pai que fazia, cozinha era minha mãe que cuidava, faxina era minha mãe que cuidava, então eu não tinha que me preocupar com isso, então eu só trabalhava, voltava a janta estava pronta, mercado eu não precisava me preocupar, então pra mim a minha vida era super tranquila e de repente veio tudo de uma vez, Então assim, no começo, primeiro ano eu achei que ia ficar louca, eu falei: gente eu vou pirar! Mas aí depois eu fui me adaptando, fui me acostumando e hoje em dia eu corro muito, tenho que fazer

tudo sozinha, mas já estou adaptada, eu consigo levar tranquilamente, mas no começo foi difícil essa transição, não foi fácil não!

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Olha! Na verdade eu vejo que assim, eu tive muita dificuldade de encontrar, eu fico super feliz, porque hoje em dia tem muitas, hoje tem muitos centros dias que se de repente fechar, eu sei lá por algum motivo, eu sei que se eu procurar eu vou achar outro, então eu fico super aliviada, porque no começo eu tive muito problema. Então assim eu espero, na verdade que as coisas continuem e que evoluam cada vez mais assim, porque pra minha mãe está fazendo super bem, eu acho que se de repente a minha mãe não tivesse entrado no centro dia desde o início, eu acho que hoje ela estaria meio que acamada assim, sabe! Por conta da depressão que eu acho que ia causar e por conta da falta do meu pai e ela ficar isolada dentro de casa e por conta da doença ir avançando, por ela não ter estímulo né, porque aqui eu acho que ela tem muitos estímulos e ela faz várias atividades que eu acho que ajuda, (CDB7/P4-1) eu não digo que não evoluiu a doença dela, evoluiu bastante, desde quando eu descobri que está fazendo seis anos, mas eu acho que seis anos é bastante tempo pra uma doença que dizem que evolui muito rápido, então eu acho que se ela não tivesse entrado na escola, eu acho que ela tinha evoluído bem mais rápido. Então assim, o que eu espero é que cada vez mais tenha escola desse tipo que ajude as pessoas a meio que levar essa doença mais tranquila e consiga e pra os familiares também, né? Que pra gente também ajuda assim, pelo fato de ela estar na escola, pelo fato dela conviver com outras pessoas de você vê que ela é uma pessoa feliz assim, eu não vejo ela uma pessoa infeliz, ela gosta de vir (CDB7/P4-2) e é uma pessoa sociável, ela conversa com todo mundo, então eu acho que é por conta da escola, eu espero que continue assim evoluindo e melhorando os atendimentos, a única coisa que assim não é uma coisa muito barata né, então não é todo mundo que tem o acesso, então pra mim também não é fácil, porque eu trabalho e sou assalariada, eu tenho que me virar em dez, ainda mais depois...

Então a moça faz a limpeza da casa durante os dois dias que ela fica e aí ao mesmo tempo ela faz companhia pra minha mãe, então ela sabe das condições da minha mãe, porque a moça já conhecia a minha mãe antes da minha mãe ficar doente, então é uma pessoa de confiança e tudo, então eu fico mais tranquila.

Entrevista: P8**1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.**

Aqui em casa sempre foi eu e ele e de manhã eu saio com o cachorro eu levo o cachorro para passear cuido dos passarinhos, aí eu chamo ele por volta de umas 9 horas. Eu ajudo ele a se trocar, porque agora ele não consegue se trocar sozinho... (CDP8/P1-1) eu aqui em casa tenho bastante barra de apoio pra ele ter mais autonomia eu acho importante isso né, então eu ajudo ele mais na hora do quarto, porque não tem tanta barra e não dá para se mover tão sozinho. Olha eu sempre morei com o meu pai, eu nunca sai de casa, então sempre convivi junto, a minha relação com ele agora é ao contrário, eu sou a mãe dele e ele é meu filho, mas eu sempre falo ele é o meu melhor amigo, (choro) ele é muito meigo a gente tem muita união de um ao outro, depois que a minha mãe faleceu ele ficou mais só é a vida, a gente é descendente de italiano, tanto ele como eu a gente tem um gênio forte, mas assim a gente discute ainda hoje, menos, mas a gente diverge em algumas opiniões, mas é o meu companheiro mesmo, meu companheiro de passear, o meu pai sempre está comigo em todos os passeios, festas, saídas, principalmente depois que coincidiu depois que ele caiu que não pode ficar sozinho mesmo dentro de casa, agora dia dez de novembro vai fazer dois anos que ele caiu, o meu pai era uma pessoa totalmente com autonomia, quando eu saía pra trabalhar ele ficava sozinho e o meu pai sempre foi uma pessoa de sair, porque o meu pai era uma pessoa de vendas, o trabalho dele era representante de vendas, então o meu pai andava muito, hoje em dia tem as coisas pela internet, antigamente não tinha nada disso, ele ia mesmo nos clientes, ia atrás ou pelo telefone, mas o meu pai sempre foi mais da rua, então eu sempre deixava aqui em casa pequenos afazeres pra ele, por exemplo precisava comprar açúcar e ele não se importava, ele ia devagarzinho, nos passinhos dele, mas ele ia, ele fazia feira aqui pra mim, ele me ajudava muito, muito mesmo, todos os dias ele tinha pequenas tarefas e aí na hora do almoço também, tinha um restaurante de comida caseira e eu tinha um contrato lá, na hora de almoçar ele ia lá almoçava e depois ele vinha, então tinha uma rotina estabelecida assim e depois que ele caiu tudo mudou. O cuidado fica todo eu mesmo, infelizmente por questão que eu não consigo eu até gostaria de ter alguém pra me ajudar no final de semana, mas infelizmente não dá financeiramente não dá! (CDP8/P1-2) Eu sou pedagoga, eu fui professora e o meu salário é muito baixo e praticamente o que eu ganho vai todo pra ele, a gente vive com a aposentadoria dele e olhe lá, eu trabalho a semana inteira, porque eu sou professora, eu

trabalho do meio dia às seis e o meu contrato lá no centro dia é das onze da manhã até às sete da noite que é a hora que fecha.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

O meu pai caiu em novembro, a gente não tinha convênio e eu estava no trabalho e me ligaram e eu vim correndo pra cá, eu achei que era um tombinho de nada, porque tinham socorrido ele, os vizinhos, ele estava dentro do carro de um vizinho, ele estava ótimo aí ele falou pra mim que tinha caído e ele estava dentro do carro e eu falei tinha que acontecer e nós também se caí é mais o susto, ele não tinha machucado nenhum, nada, nada e ele estava sentado no banco da frente do carro, aí eu peguei e olhei pra ele e falei pai vamos descer e na hora que eu tentei tirar a perna direita dele pra fora do carro aí ele começou a gritar que a perna estava doendo aí fomos para o Ipiranga aí falaram que era a cabeça do fêmur que fraturou que precisava fazer a cirurgia e aí começou um drama (choro) muito difícil da minha vida, aí me ajudou que estava perto do feriado e eu não ia trabalhar, aí a minha sobrinha que sempre morou comigo e o namorado dela falou imediatamente eu vou ficar aqui com você, então além de mim tinha a minha sobrinha de 28 anos e o namorado dela, então eles revezaram comigo, então eu ficava a noite toda, um pouquinho do dia e eles ficaram comigo, eu tenho uma irmã mais velha e ela mora em Joinville eu acho que ela veio no outro final de semana que ele operou ou nesse, agora não me recordo, mas ela veio só no final de semana, aí ele estava muito bem totalmente lúcido, totalmente consciente e o médico falou a senhora pode ficar despreocupada fiz o pedido de uma prótese vamos rezar que venha, porque esse ano eu operei duas pessoas e vamos ver se eles mandam ainda mais para uma pessoa de idade, porque é muito difícil eles darem, aí eu me desesperei, foi muito difícil o meu pai ficou muito traumatizado e até hoje ele tem esse trauma, porque ele estava andando na rua e esse pedaço aqui da rua é horrível, com um poste no meio e a calçada toda quebrada e eu falava pra ele não passa por aqui, porque pra passar por ali tinha que abraçar o poste e ele mesmo fala que ele pisou em falso e caiu e ficou ali caído até alguém passar e aqui passa muita gente e ele ser socorrido e aquele dia estava muito calor era umas três e pouco da tarde, estava bem quente com o sol escaldante e ele falou que a vizinha da frente, uma vizinha muito amiga da gente, ela falou que olhou ele da janela de casa e graças a Deus que tivemos a sorte que veio uma prótese e o médico falou foi um milagre! O médico falou nós fizemos a cirurgia, agora é fazer a fisioterapia, tudo normal, mas para o meu pai nada é normal, quando ele saiu e a fisioterapia tentaram levantar ele e colocar o pé no chão, o meu pai não conseguia por o pé no chão, ele

falava que queimava e doía, ele gritava de dor e ele falava que doía o pé, queimava o pé, onde tinha feito a cirurgia ele nem falava nada, viemos pra casa e aí começou o drama, porque aqui em casa e aí eu falei que preferia o meu pai em casa e eles acharam que era melhor pra ele, mas eles me perguntaram se eu ia dar conta e eu falei que tinha que dar, aí eu peguei uma semana de licença e de férias do trabalho, aí eu tive que pegar uma cuidadora pra ficar aqui, aí eu peguei várias e aí o meu pai teve muitas escaras e aos poucos nós fomos cuidando das escaras, fazendo a fisioterapia e a acupuntura e aí meu pai levantou da cama. Eu entrei na internet e achei o centro dia Pasárgada aí era uma semana antes do carnaval aí eu fui lá, aí eu gostei, aí fui levar ele lá. Eu chorei muito, muito, deu um aperto no coração, me deu...parece que nem eu estava num abandono, me deu uma coisa muito, muito estranha, foi doloroso, foi difícil, mas levei e conforme eu levei, ele aceitou de boa ele falou:

- E se você acha que é o melhor para mim! Eu vou!

E eu falei:

- Então tá bom!

E aí eu chorei muito, deixei ele lá com aperto no coração, parecia que eu estava deixando o meu filho na escola, então o que eu vejo as mães fazendo quando volta a trabalhar, eu senti a mesma coisa. Eu senti muito, eu chorei muito. Aí eu deixei ele lá e quando fui buscar, eu vi que ele veio mais ou menos, mas aí a gente foi vendo que ele foi gostando, ele era um pouco resistente em algumas atividades, porque ele nunca tinha feito essas coisas antes, mas depois com o tempo eu não tenho o que falar, foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida. (CDP8/P2-1)

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida, eu recomendo, eu falo que é uma coisa muito boa. (CDP8/P3-1) Ele tem uma irmã que é nove anos mais nova do que ele, era uma pessoa totalmente ativa, só que é uma pessoa sozinha, que mora sozinha na casa dela e ela mesmo fala, eu estou muito sozinha, ela dirige e tudo e eu falei pra ela:

- Joana você pode também ir lá, você pode ir duas vezes por semana, passar duas tardes lá, duas tardes pra ir, entendeu!

Então, eu acho assim que é a melhor coisa que tem pra uma pessoa idosa, mesmo sendo sã, ativa que é, que conversa, que tudo, que ela vá duas vezes por semana. O meu pai é uma pessoa muito feliz lá, muito contente, muito bem tratado, eles conhecem muito bem o meu pai, então eu sou muito grata, não tenho o que falar. (CDP8/P3-2)

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Eles sempre foram muito atentos com o meu pai, que eles ofereçam a parte do carinho, atenção, que cuidem dele em todos os sentidos, na parte se ele se alimentou ou não se alimentou e principalmente que ouçam ele é isso que eu quero que ouçam ele. (CDP8/P4-1)

Entrevista: P9

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

A minha mãe veio morar comigo o ano passado, foi no mês de abril, porque ela estava com o meu irmão caçula e ela teve uns problemas de saúde e quase que ela ficou com pneumonia, aí a minha cunhada falou que não dava mais pra ficar com a minha mãe e como eu moro sozinha, porque não tenho filho, aí os meus irmãos falaram que era melhor ficar comigo, quer dizer na verdade foi assim, uma coisa assim resolvida de uma hora para outra, então pra mim foi um pouco desgastante e agora que eu estou acostumando, mas no começo fiquei muito estressada, na verdade eu continuo um pouco estressada, porque a minha mãe, por causa da idade dela, ela tem 96 anos, então ela está assim começando a dar mais trabalho a cada dia que passa e mais assim no geral ela me ouve, às vezes ela fica brava comigo que também ela fala que eu sou muito crieri, mas assim eu sempre faço as coisas preocupando com ela e eu acho que sou muito do tipo caxias, eu quero tudo certinho e eu acho que isso que está desgastando um pouco também, mas a convivência com ela tem hora que é bom, tem hora que eu fico cansada aí eu tenho uma outra irmã que fica uns dias com ela, no dia a dia, no geral ela é boazinha, não dá muito trabalho, mas é que ultimamente ela está começando a dar trabalho, porque ela à noite acorda pra ir ao banheiro, só que tem noites que ela não acorda, ela fica num sono profundo e ela não acorda, então já várias vezes aconteceu de amanhecer a cama toda molhada, mas fora isso assim ela come bem, ela anda um pouco apesar da idade ela anda e pra tomar banho a gente sempre auxilia e ela lava a parte da frente e atrás a gente lava pra ela, então assim dá trabalho, mas ainda não está naquele grau de ficar muito cansativo e a minha mãe tem uma irmã gêmea e é igualzinha a ela e mora com a filha, ela mora em São Paulo, a cabeça delas está mais ou menos assim igual, porque de vez em quando eu converso com a minha prima e pergunto como é que está a tia, pra trocar ideia. Ultimamente ela esqueceu de tudo só lembra se a gente comenta, a gente fala:

- Mãe sabe que tem uma irmã gêmea né?

Aí ela fala:

- Ah eu sei!

Só fala assim, aí a gente pergunta o nome, mas ela nem pergunta se ela está bem, se não está, acho que é mais da cabeça, porque não é só em relação a minha tia é em relação a todos, praticamente, parece que ela fica só no mundo dela, aí ela tem cuidadora alguns dias da semana vem uma cuidadora, até assim tipo de cuidadora, por exemplo, se a cuidadora não conversar com ela, ela esquece, tem hora que ela esquece.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Olha! Eu falando a verdade foi muito bom a inserção da minha mãe, porque os meus irmão ficaram preocupados sabe!

- Ah! Mas será que ela vai se dar bem? Assim no meio de todo mundo.

Porque a minha mãe ela é meio tagarela, gosta de falar, às vezes ela fala demais e os meus irmãos ficaram meio preocupados e eu falei ela gosta de conversar, ela sempre gostou de sair, aí eu falei eu vou por lá e eu acho que vai fazer bem pra cabeça dela, porque em casa ela só ficava comigo ou com a cuidadora e a gente assim, sendo filha é difícil levar a minha mãe pra fazer alguma coisa, eu queria que ela fizesse (CDB9/P2-1), mas ela não me ouve nessas horas, só se fosse pra cantar, ela gosta de cantar, aí ela fica toda feliz, mas se for pra fazer algum exercício físico, por exemplo, vamos flexionar o joelho, aí ela faz, mas fala que já está cansada é assim. Aí eu comecei a trazer aqui e como aqui eles vão levar e buscar eu achei ótimo, que é perto da minha casa (CDB9/P2-1). Olha eu achei que fez muito bem pra minha mãe e pra mim também, porque aí eu já tenho assim um dia mais sossegado, eu posso fazer as minhas coisas, eu não preciso ficar preocupada com o almoço dela, o jantar, mas pra minha mãe eu achei muito bom. (CDB9/P2-2)

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Eu já não fico tão preocupada, assim quando como a minha mãe ficava todo dia em casa eu sempre tinha que ficar preocupada, aí o que eu vou dar pra ela no almoço ou na janta, tem todo essa parte e o que será que a minha mãe vai fazer durante o dia só ficar assistindo TV e a gente fica mais assim preocupada, porque eu achava que ela ficava mais fechada assim, então ela não acabava conversando muito (CDB9/P3-1) também, agora pra mim assim eu faço aula de canto, sabe! De canto erudito e aí eu não tinha tempo de nem treinar direito e agora eu tenho um pouco de tempo pra treinar em casa, eu posso sair mais e ficar mais à vontade tem esse lado bom. Então eu fico menos estressada também e faço assim, a hora que estou cansada eu posso ficar descansando lá

em casa sem se preocupar com a minha mãe(CDB9/P3-1) e ela vem, normalmente o dia que a cuidadora não vem em casa e tem dois dias da semana que ela não vem, então nesse dia pra mim era muito pesado, porque eu tinha que fazer tudo e outra que eu ficava presa, porque não dá pra sair, a gente pensa a se for pertinho, assim a gente da um pulo, tudo bem, mas só que sempre tem que deixar a minha mãe distraída e a gente volta assim correndo preocupada, apesar que ela assim nunca tentou sair de casa sozinha, mas tem outras coisas né! De repente ela quer ir ao banheiro e ela cair, então aí eu ficava preocupada, agora pelo menos, eu tenho dois dias na semana que eu fico mais livre, eu fico sem cuidadora também, não vem ninguém fica só eu, então eu posso fazer o que quiser nesse horário pelo menos, então foi bom.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Por enquanto do jeito que está, está até bom, agora o que eu penso também assim que por exemplo, se atendesse um final de semana assim, não digo no sábado, mas no domingo principalmente que nem no sábado, no caso da minha mãe a cuidadora vem, então eu saio pra fazer compra, fazer as coisas, sábado à tarde geralmente eu descanso um pouco também, mas no domingo eu fico sozinha com ela, de vez em quando o meu irmão vem, leva a gente pra almoçar agora, às vezes a minha irmã quando tem feriado prolongado leva a minha mãe, como ela é professora, quando ela tem uns três dias ela fala vou ficar com a mãe, mas assim no geral no domingo eu que fico só eu e ela, então tem hora que eu fico assim meio cansada, porque a gente fica lá de manhã até a noite a gente fica assim presa, não dá pra sair. Então a expectativa assim se pudesse deixar a minha mãe em um domingo, pra eu poder sair até que era uma boa. Agora fora a isso até que nem a Milena já duas vezes que deu banho na minha mãe e até que eu achei bom isso aí, até eu estava pensando que de vez em quando eu vou pedir pra ela dar banho, porque aí eu fico livre, porque ela volta em casa e eu dou banho e na verdade a minha mãe não dá muito trabalho pra dar banho e só que, às vezes, ela fica assim teimando que não quer tomar banho e tem disso nessa idade.

Entrevista: P10

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Antes de ela vir para o centro dia eu sempre passava lá para conversar ou no final de semana todo domingo a gente vai pra tomar um cafezinho com ela, antes quando ela fazia as coisas sozinha, ela ia ao cabeleireiro, ela sempre ligava pra casa, levava,

buscava teve essa liberdade para pedir as coisas pra a gente, está sempre junto, sempre perto, qualquer coisinha que precisava ela já ligava, a gente se dá, muito bem, ela mora próximo, ela mora com a filha dela.

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Eu acho que foi bom pensando nela, que eu acho que depois de uma certa idade ela fica muito sozinha (CDB10/P2-1), porque por exemplo, a filha dela sai de manhã e só volta a noite, quando os filhos eram ainda menores ou os netos ainda ficava muito tempo lá, ela cuidava de um neto, depois foi crescendo ela ficou muito sozinha, eu acho então que foi bom por causa disso, pra conversar com outras pessoas, pra mim foi bom pensando nela, pra mim não interferiu em nada, porque o que eu fazia pra ela não atrapalhava o rendimento nosso no dia a dia, mas pra gente não atrapalha, pra gente é até bom, porque a gente vê que ela está bem, que ela se sente bem. (CDB10/P2-1)

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Eu acho que ela modificou bastante, eu acho!

Quando ela está aqui ela está feliz, mas depois de vir ela fica contente, porque encontra as amigas, conversa com as amigas (CDB10/P3-1), mas ela gosta de receber as pessoas na casa dela, a gente sempre vai lá, de quarta-feira todo mundo almoça junto em família está junto, ela gosta, mas quando ela vem aqui ela fica feliz, ela gosta de vir aqui.

A gente fica despreocupada quando ela está aqui, então a gente não tem medo de ligar de dizer que aconteceu alguma coisa, porque ela está aqui, a gente não fica preocupado com o almoço, porque ela vem e já almoça aqui e aí fica mais tranquilo, mas pra gente é tranquilidade, ela gosta de vir aqui. (CDB10/P3-2) Quando ela fica sozinha ela não quer nem comer, porque aí ela tem que fazer almoço só pra ela e ela não acaba fazendo, ela come o que tem e nós percebemos que ela não tem vontade de comer quando está sozinha, aqui não e ela come bem, gosta de comer, come super bem (CDB10/P3-1), se você for ver ela é magra, mas come muito e quando ela está sozinha ela não quer comer, porque a gente é acostumado com família muito grande, ela tem oito filhos e tem praticamente oito noras (risos) são duas filhas, então ela tem seis noras e a família é grande e está sempre lá, ela tem um monte de netos, uns vinte e cinco, mas a família com ela, os filhos, as noras, os genros e os netos dá umas cinquenta pessoas e a gente está toda semana lá, toda quarta-feira para almoçar com ela, mas no dia a dia deve dar uns quinze. Todo domingo a gente vai tomar café lá, depois de cinco e meia seis horas, então ela fica o dia inteiro esperando a gente, então às vezes ela perde a noção e a gente passa lá no sábado aí ela fala:

- Hoje vai vir todo mundo?

- Não *Bachan!* Hoje é sábado! Amanhã vem o pessoal!

E ela fica esperando, quando é feriado também e é bom que no domingo ela encontra o pessoal e todo mundo conversa muito, as meninas conversam muito, ela só fica de olho assim, aí quando chega na segunda-feira aqui ela sempre tem um monte de coisa pra contar, elas ficam esperando as novidades e chega aqui ela fala tudo, ela é bem ativa.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Assim ela está boa, o único problema que ela tem é de perna, o quadril dela tem artrose, mas ela ainda tem boa memória, de vez em quando que ela esquece alguma coisa, de tomar um remedinho, quando tem muito compromisso, tem dia que são três ou quatro compromissos no mesmo dia e ela quer ir em todos, ela dá um jeito pra ir em todos, mas fora a isso ela está bem, então a gente espera que com as atividades que ela faz aqui, fique sempre bem. O ano passado quando o filho dela faleceu ela ficou muito paradona, parecia outra, ficou quieta, parada não falava nada e ficou bem caidinha, aí a memória começou a falhar bastante, aí quando ela voltou, eu acho que ela ficou uma semana em casa, que ela não queria vir, (CDB10/P4-1) aí quando ela voltou aí que ela começou a recuperar e agora ela está super bem, eu acho que aqui faz as atividades e acaba esquecendo um pouquinho e antes de entrar ela estava com a memória muito falhada (CDB10/P4-1), bem assim, não sabia que dia que era, ainda hoje esquece um pouquinho, mas aí quando ela começou a vir pra cá aí a gente tendeu a cobrar um pouco dela, a memória, porque antes a gente dava tudo na mão e ela falava:

- Qual dia é hoje?

- E a gente falava tal dia!

Agora não, a gente faz ela olhar no calendário e ela mesmo já se polícia. De manhã ela já pega o jornal e fala assim:

- Ah! Hoje é dia 18 né?

Porque ela já quer saber se é dia 18, porque aqui vai perguntar e ela quer ser a primeira a responder e ela fala dia 18. Aí ela aprendeu a olhar no jornal, aí está bem mais espertinha.

Entrevista: P11

1. Conte-me a sua vivência com o seu familiar.

Eu lembro da tia desde quando eu comecei a namorar o meu marido. Ele me levou na casa da mãe dele e ela estava lá, eu lembro daquele dia. Ela é muito calminha, fala tran-

quilo, ela é muito inteligente que ela trabalhou no consulado japonês muitos anos e assim depois que ela trabalhou no consulado ela continuou trabalhando. Então ela é uma pessoa culta, ela gosta de ler o jornal. Ela era de São Paulo e ela veio pra cá quando o marido dela faleceu, porque eles não tiveram filhos, o tio faleceu faz um ano, ela sempre foi de São Paulo e a gente nunca teve muito contato com ela, porque eles ficavam pra lá e vinham pra cá pra ir no cemitério, passar na casa da Bachan e fazer a visita pra gente, mas era umas duas vezes ao ano. Antes quando ela era mais jovem eles estavam sempre aqui e porque nunca tiveram filhos, eu lembro dos meus cunhados falando que sempre levaram pra passear, sempre encontravam e depois que foram ficando com mais idade foi afastando mais, cada um já foi levando a sua vida, depois ele já não passou a dirigir mais e eles tinham que vir de trem e a gente falava vem que a gente vai buscar e depois leva, mas eles não queriam incomodar muito, mas sempre que eles passavam na minha sogra sempre tomava o cafezinho da tarde e depois iam embora e não tiveram filhos, aí o que aconteceu, a mãe dela faleceu e agora ficou só os dois, ela tem irmãs, mas não são muito próximas, eu acho que ela tem uma sobrinha do lado da família dela, mas parece que não tem muito contato, ela vem aqui visitar, mas quando o tio ficou doente, o pessoal daqui que correu, pra ajudar a internar e tudo e aí ela veio embora pra cá, porque ia ficar difícil cuidando dela lá e aí os sobrinhos perguntaram se ela queria vir pra Suzano e que aí ficaria mais próximo da gente e ela aceitou e aí de repente ela veio morar aqui numa cidade pequena, não conhecia ninguém, sozinha e tinha perdido o marido e foi difícil, ela se adaptou bem e agora a gente tem muito contato com ela, ela fala que eu sou filha dela, ela fala que sou a filha de coração. (CDB11/P1-1)

2. Como foi para você a inserção do seu familiar em um Centro Dia?

Ah! Foi bom, porque a gente ficava preocupada, porque ela ficava muito sozinha, além de mudar de cidade pra uma cidade pequena, morar em apartamento, porque ela morava em casa, sem marido, então para nós a gente ficou bem mais tranquilo sabendo que ela vem aqui pelo menos duas vezes por semana e está conhecendo gente, está conversando, pra nós ficou bem mais tranquilo por causa disso(CDB11/P2-1), mas durante a semana ela sai de casa, ela gosta de vir aqui e conversar, eu acho ela bem espertinha, ela é bem independente, eu acho que ela sempre foi assim, então pra nós ela vir aqui é bom por causa disso.

3. Fale-me de você, atualmente, após a inserção do seu idoso (a) no Centro Dia?

Ela sempre foi muito esperta, ela gosta de vir aqui, mas eu acho que se ela não vier ela não liga, a gente que fica tranquila que pelo menos duas vezes na semana ela está vindo aqui, está fazendo alguma coisa de diferente e não está só dentro de casa, fica mais tranquilo, mas eu acho que ela gosta, como tem muitas idosas que já tem uma certo probleminha de memória pra ela acaba ficando repetitivo, porque é sempre a mesma conversa, fala num dia e no outro mas elas não lembram, mas a tia lembra, mas eu acho que agora se ela parar de vir ela vai sentir falta, porque ela gosta de conversar, ela é muito boa pra conversar e a gente também pela tranquilidade(CDB11/P3-1) que a gente sabe que ela está pertinho e qualquer coisinha é só chamar que a gente vai correndo lá, porque é bem pertinho, então pra gente tá bom e eles são bem atenciosos e acaba criando um vínculo, pra gente é bem tranquilo, porque a gente sabe que ela está gostando, está conversando, está fazendo alguma coisa diferente, sair de casa um pouco.

4. Qual a sua expectativa ao Centro Dia? O que você deseja?

Que mais pra frente eu não sei que ela vai viver bastante, porque ela é forte, então essa questão de Alzheimer pode ser que apareça, a gente não sabe e ninguém sabe, então pelo menos ela estando aqui eu acho que vai ajudar ela, a gente percebe pelo o que a gente conhece que melhorou bastante vindo aqui e pode ser que ela continuando vindo eu acho que mantenha ela bem e a atividade, porque a cabeça sempre está em movimento aqui com coisa que em casa não, é diferente quando está com outras pessoas aqui fazendo atividade, então eu acho que ela continuando ela nem vai ter a chance de ter alguma coisa que ela já é esperta fazendo as coisas (CDB11/P4-1), ela é danada.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – EACH -USP

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A INSERÇÃO DE IDOSOS EM UM CENTRO DIA: A MOTIVAÇÃO DOS FAMILIARES

Pesquisador: Eliane Silva Biocchi

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81913517.5.0000.5390

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.506.888

Apresentação do Projeto:

Pesquisa qualitativa utilizando-se o referencial teórico da Fenomenologia social de Alfred Schutz. Será realizada com os familiares de idosos usuários de Centro Dia localizado na Zona Leste do município de São Paulo. A amostra será constituída por 15 participantes que serão entrevistados individualmente por meio de um questionário formado por questões abertas e semi estruturadas. Como critério de inclusão serão familiares que possuem idosos que utilizam o serviço oferecido pelo centro dia no mínimo de um período de três meses.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender a inserção dos idosos no centro dia sob a óptica dos familiares.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como benefícios a pesquisadora refere no TCLE apenas que poderá conhecer o que motiva os familiares a utilizarem do serviço de Centro Dia, no entanto não relata os benefícios que poderão advir para os participantes e para a população.

Não esclarece sobre o risco psicológico mínimo nem no projeto e nem no TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para a área da Gerontologia e saúde pública.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Tanto os benefícios quanto o risco psicológico mínimo precisam ser melhor citados no TCLE.

Os demais Termos foram anexados na Plataforma Brasil conforme a Resolução 466/2012 do

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 2.506.888

Conselho Nacional de Saúde/MS.

Recomendações:

Descrever sobre os benefícios e risco psicológico mínimo no TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto pendente devido necessidade de descrição dos benefícios e do risco psicológico no TCLE.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1020617.pdf	17/12/2017 23:25:55		Aceito
Outros	Roteiro_de_questionario.pdf	17/12/2017 23:25:04	Eliane Silva Bicocchi	Aceito
Outros	AUTORIZACAO.pdf	17/12/2017 23:22:41	Eliane Silva Bicocchi	Aceito
Outros	CARTA_PROTOCOLO.pdf	17/12/2017 23:17:57	Eliane Silva Bicocchi	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	14/11/2017 22:17:05	Eliane Silva Bicocchi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	13/11/2017 22:21:58	Eliane Silva Bicocchi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	13/11/2017 22:20:49	Eliane Silva Bicocchi	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP

Município: SÃO PAULO

CEP: 03.828-000

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 2.506.888

SAO PAULO, 22 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez
(Coordenador)

Endereço: Av. Arlindo Bétio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP

Município: SAO PAULO

CEP: 03.828-000

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

ANEXO B – ARTIGO SUBMETIDO

bolarOne Manuscripts

<https://mc04.manuscriptcentral.com/csc-scielo>

Ciência & Saúde Coletiva

Home

Author

Submission Confirmation

Print

Thank you for your submission

Submitted to Ciência & Saúde Coletiva**Manuscript ID** CSC-2019-0579**Title** A experiência de familiares de idosos em Centro Dia para Idosos: uma abordagem abrangente**Authors** CANOVA, ELIANE**Date Submitted** 27-Feb-2019

Author Dashboard